

De Moreno ao PSOL

Victor A. Petrucci¹

O camarada Nahuel Moreno (Hugo Miguel Bressano Capacete - 24/04/1924 – 25/01/1987) foi um líder trotskista² argentino. Nascido em família de classe média alta, conviveu durante sua adolescência com parentes que apoiavam a União Cívica Radical (UCR) de Leandro Alem, o partido político de classe média mais antigo das Américas. Desde 1940 Bressano militava de forma independente em bairros operários no entorno de Buenos Aires e entrou para o movimento trotskista em 1942 onde permaneceu até sua morte em 25 de janeiro de 1987. Se fosse possível resumir a vida de Moreno em uma única frase diríamos que *o companheiro desenvolveu uma longa e difícil tarefa voltada para a construção de partidos autenticamente revolucionários, com influência de massas em todos os países, e que estes construiriam a Internacional num processo de luta que se prolonga até hoje no Brasil com o PSOL.*

Parte I – De Moreno ao Ponto de Partida.

A década de 40

A primeira militância organizada de Bressano se deu em 1942 no *Partido Obrero de La Revolución Socialista (PORS)* um partido trotskista onde esteve por apenas três meses. Sobre sua saída do PORS Bressano escreveu o texto "*Tres meses de mi vida en el confucionismo. Sobre mi separación del PORS*". Logo em seguida Bressano aderiu à *Liga Obrera Revolucionária (LOR)*³, um grupo trotskista dirigido por Libório Justo, filho do ex-presidente argentino Augustin P. Justo da UCR. Foi nesse período que Libório batizou Bressano com o pseudônimo **Nahuel** que significa “tigre” na língua araucano e **Moreno** pela cor de seu cabelo. Surgia aí **Nahuel Moreno**. Após dois meses no LOR Moreno foi expulso por razões nunca documentadas. Anos mais

¹ O presente artigo é apenas uma pequena contribuição para a história do morenismo desde seu aparecimento até sua integração no PSOL do Brasil como uma corrente através do MES – Movimento Esquerda Socialista. O texto muitas vezes não cita todas as fontes e algumas vezes é transcrição de muitos outros textos de camaradas trotskistas, morenistas ou não. O autor milita no PSOL integrado ao MES desde 2012.

² O termo trotskista (trotsquista) – não era bem aceito pelo próprio Trotsky uma vez que ele não considerava ser a sua proposta de luta um setor diferenciado do marxismo. Preferia se autodenominar como *bolchevique leninista*. Por uma ironia foi o estalinismo o responsável por fixar essa denominação que era usada para taxar todo ativista contrário a Stalin. Foi dessa oposição marxista leninista que surgiu a **QL**.

³ Em 1939 os trotskistas *Libório Justo* e *Mateo Fossa*, fundaram o **Grupo Obrero Revolucionario (GOR)** onde publicavam o jornal "*La Internacional*". Nessa época a polêmica central era sobre a questão da "*libertação nacional*" argentina.

De Moreno ao PSOL

tarde (1958) Moreno passa a considerar o ano de 1942 como início da Revolução Colonial a partir da revolta que eclode na Índia sob domínio inglês.

Em 1943, em plena II Guerra, Moreno fundou seu primeiro partido o *Grupo Obrero Marxista (GOM)* que atuava em *Villa Crespo*, um bairro de Buenos Aires, onde se integrou nas lutas populares. A escolha do local se deu pela necessidade da inserção trotskista no movimento operário, onde estavam ausentes, com raríssimas exceções. Foi aí que o **GOM**, mudaria a história da luta dos trabalhadores argentinos e posteriormente dos trabalhadores latino americanos em geral. Vinte anos mais tarde (1984) assim Moreno descrevia aquela época. *“Aparecemos no ano de 1944 como um pequeniníssimo grupo, essencialmente operário, no panorama do trotskismo argentino. O que caracterizou inicialmente o nosso grupo, tanto do ponto de vista programático, como prático, foi um obrerismo raivoso (...). Durante muitos anos não se aceitou a entrada de estudantes, nem se permitiu militar no movimento estudantil. Os estudantes que por casualidade nós aliciávamos tinham que ir militar no movimento operário. Tinha que entrar na fábrica e fazer um trabalho sindical na base dos organismos operários. Esta tendência operária, sectária, ultra, enfrentava e tratava de superar o caráter boêmio e intelectual, declassé, do movimento trotskista argentino em seu conjunto. Caráter do qual se eximiam somente alguns companheiros, cinco ou seis dirigentes sindicais, por outra parte muito inteligentes e capazes, que vinham individualmente de um rompimento com o stalinismo.”* Segundo o próprio Moreno o **GOM**, não era internacionalista e aplicava o trotskismo exclusivamente na resolução das *“questões nacionais argentinas”*.

A base de formação do **GOM** está estabelecida no importante texto de Moreno intitulado *“El Partido”*. Nessa época Moreno estava bastante influenciado por Hegel e o documento retrata essa influência quando afirma que: *“Nos empalmaremos en el movimiento obrero, acercándonos y penetrando en las organizaciones donde este se encuentre, para intervenir en todos los conflictos de clase”*. Em 1958 Moreno complementa a descrição desse período: *“No ano de 1943 se abre o processo revolucionário mundial mais colossal conhecido até aquela data. Este ascenso do movimento de massas esteve dialeticamente combinado objetivamente com um colossal desvio das massas européias e japonesas, para reconstruir suas economias destruídas pela guerra, e subjetivamente pelo controle desse ascenso do movimento operário e do movimento das massas coloniais, pelo estalinismo como aparelho mundial, e o socialismo, as burocracias sindicais, as burguesias e pequenas burguesias como aparelhos nacionais.”*

Ao final da II Guerra em 1945 eclodem grandes greves no importante setor argentino de carnes. Os morenistas tinham, desde 1944, uma participação junto aos trabalhadores dos frigoríficos Anglo e Ciabasa, onde assumiram as chamadas Comissões Internas. Simultaneamente o grupo de Moreno passa a atuar nos sindicatos dos trabalhadores em couro e tubos de cimento e chegam a controlar a Comissão Interna da Fábrica Alpargatas (Comitê da Fábrica). Em paralelo se integram também no Clube de Bairro operário de *Villa Pobladora*. Numa autocrítica posterior os

De Moreno ao PSOL

morenistas confessaram que em 1944 e alguns anos seguintes tiveram desvios trotskistas em sua atuação que levava ao sectarismo e a uma concentração de seus esforços apenas nos cursos de formação teórica baseados no Manifesto Comunista e em outros textos clássicos. Contudo, com a intervenção conseguida nas lutas operárias e na Internacional foi possível a superação dos desvios e o fortalecimento do grupo. Assim, mais uma vez, lançam uma autocrítica posterior mostrando que sua atuação caía num desvio sindicalista. O pequeno **GOM**, com cerca de 100 militantes, recrutava dirigentes principalmente entre os jovens chegando a ganhar uma fração da Juventude do Partido Socialista de *Avellaneda* em 1947. Foi a partir desse pequeno quadro que se consolidou o morenismo nas décadas posteriores. Naquele tempo havia uma resistência, imposta pelo movimento peronista, à penetração trotskista. Moreno considerava o peronismo como a vanguarda da ofensiva capitalista contra as conquistas operárias e o descrevia como um movimento dirigido e formado por setores que configuravam um governo reacionário desde seu surgimento, nunca tendo tomado ações de transformação do regime ou assumido posições anti-imperialistas ou anticapitalistas. Nesse mesmo período imediato do pós-guerra a direção da **QI** era constituída por Ernest Mandel⁴ da Bélgica, Cannon⁵ do *Socialist Workers Party (SWP)* dos EUA, Michel Pablo da Grécia⁶ e Pierre Frank⁷ da França. Era um grupo muito jovem e inexperiente que ainda não havia conseguido superar o “debilitamento qualitativo provocado pelo assassinato de Trotsky em 1940”. Como consequência havia certo sectarismo na **QI**. O mundo, nessa época, estava agitado por grandes lutas como a Revolução Chinesa⁸, enfrentamentos na Checoslováquia com afastamento de ministros burgueses e na Iugoslávia de Tito⁹ que desde 1947, programava a expropriação da burguesia. Para o período de 1945 a 1947 Moreno assim analisa a conjuntura: “*De 1945 a 1947 temos uma situação revolucionária em toda a Europa continental. O estalinismo e o socialismo se encarregam de salvar a burguesia*

⁴ Ernest Ezra Mandel (1923-1995) foi um economista judeu-alemão e um político belga, considerado um dos mais importantes dirigentes trotskistas da segunda metade do Sec. XX. Sua corrente de pensamento é denominada de mandelismo. Seu pai havia sido um dos fundadores da Liga Espartaquista de Rosa Luxemburgo.

⁵ James Patrick Cannon (1890-1974) foi um líder trotskista norte-americano fundador do SWP.

⁶ Michel Pablo (1911-1996) era o pseudônimo de Michalis N. Raptis um trotskista grego de grande influência na QI onde foi o pivô do racha de 1953. Moreno teve longas disputas com Pablo durante toda sua vida.

⁷ Pierre Frank (também escrito *Franck*), (1905-1984) foi um líder trotskista francês que atuou no secretariado da QI desde o pós-guerra até 1979.

⁸ Revolução Chinesa de outubro de 1949 onde Mao Tse Tung toma o poder e instala a República Popular da China existente até os dias atuais. Foi uma revolução popular com base no campesinato onde ocorreram inúmeras ações revolucionárias importantes como a coletivização das terras, o controle estatal da economia, a nacionalização de empresas estrangeiras e a expropriação de setores reacionários da burguesia.

⁹ Marechal Josip Broz Tito (1892-1980) foi um militar iugoslavo revolucionário comunista e estadista, líder dos guerrilheiros “partisans” da resistência contra o nazismo durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

De Moreno ao PSOL

européia e o imperialismo ianque que, a partir de 1947 se lançam em conjunto contra a URSS e preparam sua guerra contra-revolucionária. O movimento operário é desviado pelo estalinismo à reconstrução da economia. A consequência da ofensiva anti-imperialista é a liquidação do domínio imperialista na China e do domínio capitalista no leste da Europa.”

Em 1946 inicia o primeiro período do Presidente Juan Domingo Perón¹⁰ que governaria até 1955. Em 1948, o **GOM** passa a se denominar *Partido Obrero Revolucionario (POR)*, através do qual Moreno participou como, observador no II Congresso da **QI**¹¹, realizado nesse mesmo ano. Até aí o grupo de Moreno se declarava trotskista com críticas: *“nos declaráramos trotskistas, pero no vivíamos pendientes de la lucha y de la vida de la Internacional”*.

Aqui começava a primeira real intervenção do grupo morenista na vida da **QI**. O Congresso havia tomado um rumo um tanto equivocado onde ignorava as resoluções que ocorriam no pós-guerra. Colocava seu foco na discussão do caráter de classe da URSS *“e se se devia ou não defende-la frente aos ataques do imperialismo. Polêmica essa que já havia sido resolvida no partido americano em vida de Trotsky, em 1939 e 40.”* Apesar de todos os problemas de sectarismo a participação do **GOM** no Congresso foi positiva e os morenistas passam a atentar ainda mais para o peso do imperialismo e para a relação com as burguesias nacionais nas análises políticas. Outra consequência importante é que passam a dar maior importância à conjuntura internacional como foi a decisão a favor da Coreia do Norte em seu enfrentamento com a Coreia do Sul. Ainda em 1948 Moreno faz um interessante texto sobre a Colonização das Américas intitulado *Cuatro Tesis sobre la colonización española y portuguesa en América*, onde discute e mostra que o caráter da colonização europeia nas Américas não era feudal.

Com o surgimento dos novos Estados no leste europeu surgia também o desafio de novas análises de conjuntura que explicassem o caráter de classe desses estados que começavam a ensaiar aquilo que seria o “socialismo real”. Em 1949 *“existiam duas posições. Para Mandel e Cannon (EUA), esses estados eram capitalistas. A posição de Pablo, apoiada, ainda que com considerações distintas por [Joseph] Hansen”*¹²

¹⁰ Juan Domingo Perón ou simplesmente Perón é a figura política de maior destaque em todos os tempos na Argentina. Sua proposta política o peronismo penetrou profundamente na classe média e operária argentina abrangendo um leque que ia desde a esquerda até a extrema direita.

¹¹ Atualmente pode-se dizer que a QI não existe como um organização centralizada. Representa tão somente uma meta de organização a ser alcançada pelos partidos trotskistas e revolucionários de todo o mundo. Sempre existiram propostas concretas para sua reorganização e unidade que nunca foram implementadas em sua totalidade. De qualquer forma é no seio da QI que vamos encontrar os revolucionários mais ativos e consequentes que enfrentaram o estalinismo imposto por Moscou durante o período de “socialismo real”.

¹² Joseph Leroy Hansen (16 de junho de 1910 - 18 de janeiro de 1979), foi um militante trotskista norte americano e importante liderança do (SWP). Durante o exílio

De Moreno ao PSOL

(EUA) e Moreno, sustentava que haviam nascido novos estados operários. A polêmica se resolveu relativamente rápido. Mandel e Cannon reconheceram que havia ocorrido um verdadeiro processo revolucionário no Leste europeu e que novos estados operários deformados haviam surgido. Este êxito político aumentou muito o prestígio de Pablo nas fileiras da Internacional, e assim se chegou ao Terceiro Congresso em 1951” (Cit. in: Um Breve esboço da LTI-CI).

A década de 50

O início da década de 50 marca o grande embate entre os EUA e a URSS no pós Acordo de Yalta¹³. Com a Guerra Fria declarada entre a vanguarda do mundo capitalista e Stalin havia o temor, insuflado pela imprensa burguesa, de que se chegaria a uma guerra nuclear de consequências inimagináveis. Essa era também a opinião de Pablo e Mandel que analisavam a eminência da Terceira Guerra Mundial. Os Partidos Comunistas internacionais se lançavam na defesa da URSS e seria necessário adotar métodos violentos para enfrentar os EUA e seus aliados imperialistas e tomar o poder. Situação semelhante se daria com os movimentos nacionalistas nos países dependentes. É nessa conjuntura que em 1952 Pablo e Mandel lançam a proposta do entrismo. Começam a surgir divergências no seio do trotskismo e ocorre uma crise aberta na **QI** conhecida como a Crise de 1953, provocada pela divergência entre Pablo, e a maioria da direção da Internacional. Tento fazer, a seguir, um resumo desse embate. O ano de 1953 é aquele que Moreno considera como o ano inicial da corrente em que ele ficaria até sua morte. Em textos posteriores Moreno mostra que eles não tinham nenhuma intenção internacionalista.

O comitê nacional do **SWP** de Cannon havia feito uma “*Carta Aberta aos Trotskistas em Todo o Mundo*”, na qual se negavam a seguir a política do entrismo proposta por Pablo no Congresso de 1951 e aprovada pela maioria dos presentes. Isso cria um grande enfrentamento que encaminharia a uma ruptura no trotskismo. A proposta teórica de Pablo conhecida como “*entrismo sui-generis*” seria feita através do entrismo pelas seções da **QI**, através do **CI-QI**, nos partidos comunistas, socialdemocratas e partidos nacionalistas burgueses com caráter anti-imperialista. A fundamentação de Pablo para essa proposta era dada como uma forma de aproximar as seções da **QI**, do movimento real de massas, além de um prognóstico de que os chamados Estados Operários burocratizados (URSS e o Leste Europeu) e o estalinismo iriam “inevitavelmente” provocar uma guerra contra o imperialismo norte-americano, retomando assim o caráter revolucionário que haviam perdido a partir da política do “socialismo em um só país”. A proposta não estava aberta a discussões e

de Trotsky no México, Hansen se tornou seu secretário e guarda pessoal no período de 1937 até o assassinato do grande líder em 1940. Foi Hansen, juntamente com Charles Cornell, que impediu que o assassino estalinista, Ramón Mercader fugisse.

¹³ O pacto de Yalta foi o acordo estabelecido entre Stalin, Churchill e Roosevelt para a nova realidade do pós-guerra. Houve um acordo para distribuição das zonas de influência de cada um no mundo pós Hitler.

De Moreno ao PSOL

deveria ser seguida por todos os partidos trotskistas. Aliaram-se ao **SWP** contra Pablo: o *The Club* de Gerry Healy¹⁴, o **PCI** liderado por Lambert¹⁵; Marcel Favre-Bleibtreu, Frank, Cannon e as seções da **QI** austríaca, australiana, inglesa, chinesa, neozelandesa, suíça francesa e argentina (**PST**, futuro **MAS**). Todos estes formaram o **CI-QI**. Posadas¹⁶ do Partido Socialista Revolucionário (**PSR**) que trazia o apoio das seções da **QI** da Argentina, do Brasil e de Cuba se alinha com Pablo. Em retribuição ao apoio, Pablo deu a Posadas a direção do Bureau Latino-Americano da **QI**. Moreno, que a princípio não se ligou ao racha, passa a apoiar o **CI-QI**, rompendo com Pablo e Posadas, portanto com o Secretariado Internacional da **QI** (**SI-QI**) e aliando-se ao **SWP**. Assim, uma parcela significativa do trotskismo internacional; encabeçado pela maioria da seção francesa, se negou a implementar essa política. Posadas até então o líder do **SI-QI**, funda sua própria 4ª. Internacional Posadista (1961). Essa divisão de 1953 se estendeu por dez anos. Moreno se tornou o líder do Bureau Latino Americano da **QI** (**BLA-QI**). Durante este enfrentamento o **POR** se posicionou, seguindo a maioria dos partidos trotskistas, e denunciou que a proposta pablista “*deixava de considerar a burocracia stalinista como contrarrevolucionária e abandonava a luta contra ela, [o que] era uma revisão de pontos essenciais do programa trotskista*”. Afirmava ainda “*que essas posições eram motivadas pelo caráter pequeno-burguês e intelectual dos dirigentes europeus.*” O posicionamento de Pablo se tornou ainda mais equivocado quando este se opôs à exigência feita pela maioria dos partidos trotskistas, da retirada dos tanques russos durante o levante dos trabalhadores de Berlim em 1953¹⁷. Aqui ficava mais evidente seu apoio, à burocracia stalinista soviética. Houve um embate ainda mais intenso com o pablismo quando, por ocasião da Revolução Operária Boliviana para a qual transcrevemos um breve resumo feito pela **LIT-CI**: “*Em 1952, na Bolívia ocorre uma clássica revolução operária; os trabalhadores organizam milícias, derrotam militarmente a polícia e o exército e surge a Central Operária Boliviana (COB) como organismo de poder dual. Em 1953 ocorre a revolução camponesa, que invade os latifúndios e ocupa terras. Desde a década de 40 a organização trotskista POR- Bolívia vinha ganhando enorme influência no*

¹⁴Gerard Thomas "Gerry" Healy (1913-1989), foi um trotskista irlandês radicado na Inglaterra, cofundador do **CI-QI** e líder do movimento trotskista inglês entre 1950-1985. Sua versão do trotskismo é conhecida como "Healyismo".

¹⁵ Pierre Bousel, mais conhecido como Pierre Lambert (1920-2008), foi um dirigente internacional da **QI** onde desenvolveu uma proposta de ação trotskista conhecida como lambertista. No Brasil sua corrente ainda participa como fração no PT (2015) com o nome de seu jornal *O Trabalho*.

¹⁶ Juan Posadas (1912-1981) ou simplesmente J. Posadas era o nome de guerra usado pelo argentino Homero Rómulo Cristalli Frasnelli durante toda sua militância trotskista. No Brasil a corrente posadista se organizou no Partido Operário Revolucionário Trotskista (PORT-QI) onde militou, enquanto estudante, durante o ano de 1968 na USP.

¹⁷ A Revolta de 1953 na Alemanha Oriental (DDR) desenrolou-se em Berlim Oriental, em 16 e 17 de junho de 1953. Frente às manifestações e greves que ocorriam o governo da DDR solicitou a intervenção de tropas soviéticas. O levante classificado pela burocracia alemã de “antirrevolucionário” foi violentamente reprimido.

De Moreno ao PSOL

movimento operário. Tinha em suas fileiras importantes dirigentes mineiros, fabris e camponeses. Seu principal dirigente, Guillermo Lora¹⁸, foi o redator das Teses de Pulacayo, uma adaptação do Programa de Transição à realidade boliviana, adotadas pela Federação de Mineiros(...). Na revolução de 52, o POR codirigiu as milícias e foi cofundador da COB. Tinha peso de massas na Bolívia. Infelizmente, o POR, seguindo a orientação do SI de Pablo, não levantou a política de que a COB tomasse o poder. Pelo contrário, deu apoio crítico ao governo do MNR (um movimento nacionalista burguês). Sem uma orientação revolucionária, o movimento de massas foi sendo desmobilizado e desarmado. Além disso, essa traição à revolução provocou a deterioração do trotskismo boliviano, que entrou num processo de sucessivas divisões. Repudiando a linha do "entrismo sui-generis", a maioria dos trotskistas franceses (dirigidos por Lambert) e ingleses (dirigidos por Healy), o SWP (EUA) e também os trotskistas sul-americanos (com exceção do POR boliviano e do grupo de Posadas na Argentina), rompemos com o SI dirigido por Pablo, e em 1953 criamos o Comitê Internacional (CI)." No texto "Duas Linhas" de Moreno podemos ver que a posição do morenismo era clara quanto a Revolução Boliviana e oposta à proposta de Pablo. Nesse texto, conforme compilado pela LIT-CI, Moreno expõe seu posicionamento afirmando *"que o apoio crítico ao MNR era uma traição e que se devia exigir que a COB tomasse o poder. Ao mesmo tempo, exigíamos que o Comitê Internacional atuasse como organização centralizada, única forma de derrotar o revisionismo pablista. A negativa das forças majoritárias do Comitê Internacional a atuar de forma centralizada e com uma política ofensiva provocou o avanço das posições pablistas, apesar de que a maioria dos trotskistas estivessem contra elas. Diante disso, começamos a atuar como tendência em nível latino-americano e em 1957 formamos, junto com dirigentes peruanos e chilenos, o Secretariado Latino-Americano do Trotskismo Ortodoxo (SLATO)".* Acompanhando a maioria trotsquista Moreno conta que, *"Em novembro de 1953 o partido trotskista mais prestigioso e de maior tradição, o SWP norte-americano, se somou à batalha contra o revisionismo pablista, ao romper espetacularmente com este (...)"* Complementa em outro texto um resumo histórico do racha: *"Repudiando la línea del entrismo sui generis y la traición a la revolución boliviana, la mayoría de los trotskistas ingleses y franceses, el Socialist Workers Party y también los trotskistas sudamericanos, rompimos con el Secretariado Internacional y en 1953 creamos lo que se llamó el Comité Internacional (CI). El trotskismo sudamericano comenzó a hacer un análisis de clase de la división de la Cuarta Internacional. Sostuvimos que en la Internacional pasaba algo parecido a lo que había sucedido en el movimiento trotskista argentino. Es decir, que estaba en manos de una dirección no proletaria. Era una corriente parecida a la de Schachtman¹⁹ y Burnham²⁰, con su base social en la intelectualidad europea, y con*

¹⁸ Guillermo Lora Escobar (1922-2009) foi um ativista trotskista boliviano, dirigente do *Partido Obrero Revolucionário da Bolívia* (POR – Bolívia).

¹⁹ Max Shachtman (1904-1972) foi um teórico trotskista judeu-americano, nascido na Polônia.

De Moreno ao PSOL

todos los vicios de las corrientes pequeñoburguesas. Por eso Pablo y su sucesor Mandel tenían un método impresionista y no mantenían una línea consecuente de construcción de la Internacional en el seno de la clase obrera, de defensa de la independencia política del movimiento obrero frente a los aparatos burocráticos y de la intervención desde esta perspectiva en todas las movilizaciones progresivas de las masas, para impulsar la lucha y construir partido. Sacamos también la conclusión de que era necesario que el Comité Internacional se postulara como una organización, no del tipo federativo y declarativo, sino centralizada y actuante. Esa era la única manera de derrotar a Pablo y Mandel”.

Ainda em 1953 o **POR** argentino, por estar perdendo força no embate político, propõe aquilo que também seria um “entrismo” na esfera peronista. Isso representava uma grande mudança, pois significava que o morenismo ia se “juntar” ao *Partido Socialista de la Revolución Nacional (PSRN)* autenticamente peronista. Novamente há mudança na denominação do grupo que passa a chamar *Movimiento de Agrupaciones Obreras (MAS)* e logo a seguir passou para *Palabra Obrera* que era o nome do jornal que o **MAS** editava. Já como fração do **PSRN** o grupo de Moreno controlaria inicialmente a *Federación Bonaerense* do **PSRN**, devido principalmente à experiência na luta operária em *Avellaneda* enquanto GOR. Esse “entrismo” no peronismo se deu em meio a grandes discussões polêmicas. Moreno justificava sua posição baseado na necessidade de formar um “partido centrista de esquerda legal”, fazendo uma analogia com o “entrismo” nos Partidos Socialistas como foi recomendado por Trotsky a seus seguidores na década de 1930. Seus opositores o criticavam duramente dizendo que ele havia feito a dissolução radical de seu movimento submetendo-o ao peronismo. Até o nome assumido *Palabra Obrera* era taxado como uma imposição peronista.

Em 1955 Moreno no artigo *1954 Año Clave del Peronismo* alerta que “*Debido a que geográficamente, faz parte do mesmo continente, o imperialismo norte americano se encontra com [a proposta de] que tem que colonizar o continente semicolonial mais desenvolvido da terra: a América Latina, (excetuamos a Europa do Leste). Os latino americanos, por sua vez, se encontram com a tarefa de que têm que lutar para conseguir plena independência e unidade contra o mais poderoso imperialismo que a história conheceu. Os dois, fenômenos se complementam: os Estados Unidos encontrou e seguirá encontrando uma intensa resistência dos países da América Latina a seus planos de colonização; a luta dos países latino americanos por sua libertação vai ser das mais difíceis, senão a mais difícil. Por outra parte, este plano colonizador dos Estados Unidos dá à luta anti imperialista un carácter ultra concreto e simples: contra os planos ianques, econômicos, políticos e militares.*” Moreno friza que no pós Guerra o único imperialism intacto é o americano. Finalmente faz uma

²⁰ James Burnham (1905-1987) foi um teórico político e filósofo americano. Ativista radical e importante líder do movimento trotskista dos EUA na década de 30. Anos depois abandonou o marxismo e se alinhou com a direita.

De Moreno ao PSOL

proposta radical: *Ruptura do pacto do Rio de Janeiro*²¹ e todos os outros [pactos] que nos atam ao imperialismo yanqui. Segundo interpretação de militantes dessa época a existência do **SLATO** permitiu que houvesse participação, de forma centralizada, no processo de revolução agrária no Peru. Hugo Blanco²², um estudante peruano militante do **POR** argentino, foi enviado ao Peru para participar do processo de Cuzco e impulsionar a revolução peruana. Orientado pelo **SLATO**, Hugo encabeçou o processo de ocupação de terras e da organização sindical no campo. O **SLATO** enviou ainda vários quadros para apoiar esse trabalho. Nesse processo se construiu a *Frente de Izquierda Revolucionária (FIR)*, trotskista.

No final dos anos 50 a vitoriosa Revolução Cubana viria alterar profundamente a proposta revolucionária do trotskismo global. Os partidos trotskistas não ficaram imunes a essa nova realidade. Cuba, uma minúscula ilha, distante apenas 60 quilômetros da Flórida, havia enfrentado e vencido os EUA. Em Cuba, a ilha de recreação e corrupção dos americanos Fidel Castro depunha Fulgêncio Batista um ditador fantoche de Washington. Por estar próximo de Perón, Moreno não tinha como se aliar a Fidel de imediato e isso era um dilema frustrante, porém, rapidamente Moreno assumiu abertamente uma posição castrista declarando que Fidel, juntamente com Lenin e Trotsky, estava entre os maiores revolucionários do século XX. Esse posicionamento pode ser visto no texto *“Dos métodos frente a la revolución latinoamericana”*, datado de 1964. Nessa conjuntura Moreno fazia a proposta ousada de revisão profunda do trotskismo e do marxismo em geral, ao colocar que o proletariado não devia ser necessariamente a vanguarda da revolução socialista. Em 1960 as seções da **CI-QI** e **SI-QI** se reúnem no Chile, Índia e Japão.

A década de 60

Moreno descreve esse período onde: *“A década de 60 é a da grande confusão nas fileiras trotskistas, confusão que permite ao revisionismo recuperar-se, já que a falta de uma análise global correta e consequente lhe permite levar água para sua posição e política revisionista de não lutar em Cuba por construir o partido trotskista que dirija a revolução política contra as direções pequeno burguesas.”* Contudo, o apoio geral da maioria dos grupos e partidos trotskistas à Revolução Cubana foi o fator principal que permitiu a reunificação da **QI** ocorrida em 1963 naquilo que seria o

²¹ Pacto do Rio de Janeiro também conhecido como Tratado Interamericano de Assistência Recíproca, assinado em 1947 estabelecia acordo que favorecia o imperialismo ianque em toda a América.

²² Em 1963, Hugo Blanco foi capturado pelo exército peruano e ficou incomunicável até 1967 quando foi processado pela justiça militar. Diante do perigo de que fosse condenado à morte foi feita uma campanha internacional com a participação de intelectuais como Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Isaac Deutscher e de sindicalistas da França, Inglaterra, Índia, parlamentares franceses, ingleses e outros. Essa campanha impediu que fosse condenado a morte. Hugo foi condenado a 25 anos de prisão e em outra campanha internacional se conseguiu sua liberdade em 1970. Durante esse período, os camponeses peruanos continuaram elegendo Blanco como seu principal dirigente em todos os seus congressos.

De Moreno ao PSOL

Secretariado Unificado da **QI (SU-QI)**. Na realidade, durante os dez anos de separação, houve muitos pontos em comum apoiados por ambos os grupos, tais como: a oposição ao estalinismo durante as crises de 1956 na Polônia e na Hungria, o apoio à Guerra de Independência Argelina e a própria Revolução Cubana de 1959 como vimos acima. A criação do **SU** foi impulsionada por Mandel e pelo **SWP**. Ficaram de fora da unificação os posadistas, os healistas²³ e os lambertistas. O novo **SU** congregava todos os que apoiavam o processo revolucionário em Cuba aceitando que havia nascido um novo estado operário. Essa posição não foi seguida pelos trotskistas ingleses e franceses que não reconheciam o mesmo significado na revolução cubana. O grupo de Moreno, embora apoiasse firmemente a reunificação, demorou quase um ano para entrar, devido às muitas diferenças com Mandel. Moreno pedia um balanço do método impressionista que levou à traição da revolução boliviana, para evitar os mesmos desvios no futuro. Assim a adesão morenista ao **SU** aconteceu apenas em 1964, quando estavam convencidos de que “apesar das divergências, uma reunificação em tomo ao apoio a uma revolução era positiva.” Como se vê, a **SU** surge durante uma grande discussão entre todos os grupos trotskistas.

Para o ano de 1962, em plena convulsão revolucionária no Peru houve forte repressão e muitos camaradas foram presos. Moreno havia viajado para a Bolívia em 5 de maio e ao retornar ao Perú foi preso. Logo voltou para a Argentina e novamente foi preso em julho e permaneceu encarcerado até dezembro. Mesmo no mês de junho Moreno analisa e critica a situação em uma carta “Aquí nos encontramos confundidos por la locura y la irresponsabilidad que cometieron algunos de los mejores dirigentes del FIR.²⁴ Es increíble comprobar las irresponsabilidades a que se ven llevados fabulosos dirigentes marxistas revolucionarios como Daniel Pereyra, cuando abandonan por desesperación revolucionaria, los más elementales principios de nuestra metodología.”

Sobre o golpe militar de estado ocorrido no Brasil em 1964, Moreno se pronuncia em texto desse mesmo ano: “[no] Brasil foi a mais trágica derrota do movimento de massas latinoamericano nos últimos vinte anos. Essa derrota vai refletir em todo nosso continente, inclusive em Cuba, onde os “gusanos” (vermes) começaram a levantar a cabeça”. Sua crítica baseava-se em que a influência castrista anterior a 1964 havia sido equivocada para o Brasil. “(...) o guevarismo colocava que a luta contra o golpe era preparando guerrilhas. Ainda se pode encontrar outro argumento: os fatos têm demonstrado que não há outra saída senão a guerrilha, já que as massas urbanas foram incapazes de fazer algo por Goulart. Estes não são mais que argumentos polêmicos para poder salvar a roupa. O concreto é que um castrista aconselhava no Brasil: preparar la guerrilha ou defender Goulart desenvolvendo a mobilização do movimento de massas com as organizações que se haviam dado (sindicatos de suboficiais, camponeses y trabajadores). O dilema é de ferro e não há

²³ Trotskista inglês Jeny Healy.

²⁴ FIR - Frente de Izquierda Revolucionaria um grupo peruano guerrilheiro do início dos anos 60.

De Moreno ao PSOL

argumento polêmico que possa evitá-lo. Se preparávamos a guerrilha não fazíamos o outro e se mobilizávamos a partir das organizações sindicais não preparávamos a guerrilha. O Brasil é um alerta trágico e nos exige que digamos de uma vez por todas: Basta de receitas e generalidades! Basta de conselhos técnicos! Começemos a estudar a realidade latino-americana e de cada um de nossos países em especial para darnos uma política concreta e correta e assim encontrar o método de luta armada adaptado a essa política!"²⁵

Em 1965, estavam dadas as condições de aproximação do Palabra Obrero com a Frente Revolucionária Indoamericana e Popular (**FRIP**) dirigida pelo chileno Mário Roberto Santucho. Da fusão do partido argentino e do partido chileno surge em maio o Partido Revolucionário dos Trabalhadores (**PRT**), já dentro da **QI** reunificada em 1963. Contudo, não demorou aparecerem divergências. Ainda que Moreno tivesse proposto à organização à qual ele pertencia em 1967, o Secretariado Unificado (**SU-QI**), de criar os braços armados da Organização Latino Americana de Solidariedade (**OLAS**²⁶) fundada pelo PC cubano, ele considerava que as condições não estavam dadas para realizar essa tarefa na Argentina enquanto que Santucho discordava dele por acreditar que sim, as condições de luta armada estavam dadas para o país. Entre o final de 1967 e início de 68 a cisão se aprofundou e a fração **PRT-La Verdad** de Moreno (pró-**SWP**) se afastou da fração **PRT-El Combatiente** de Santucho. A divisão aconteceu em 1968 pelas diferenças sobre o foco que se deveria dar às guerrilhas. Santucho era partidário de se iniciar a luta armada. Fuentes, em depoimento pessoal, me acrescentou que "o IX Congresso da IV Internacional reconheceu o **PRT-Combatiente** de Santucho e nós do **PRT-La Verdad** ficamos como seção simpatizante". A fundamentação desse posicionamento anti foquista pode ser lido no documento de Moreno intitulado Argentina y Bolívia un Balance, assinado por Hugo Blanco, Peter Camejo²⁷, Joseph Hansen, Aníbal Lorenzo (Ernesto González) e Moreno. Na proposta anti foquista o documento chamava a um retorno à política de intervenção no movimento de massas e de construção de partidos revolucionários.

O que era o foquismo? No final da década de 60 surge mais um ponto de embate entre os trotskistas agora centrado na questão de aceitarmos ou não a proposta guerrilheira

²⁵ Nesta época, enquanto militante não organizado, eu era totalmente favorável ao guevarismo e às propostas de reforma de base de Goulart e Brizola.

²⁶ A OLAS foi uma entidade internacional fundada em 1966 com sede em Cuba. Um dos maiores idealizadores do projeto foi o ex-presidente Allende que pretendia estender algumas das ideias de Che Guevara. A proposta básica era organizar pequenos grupos armados com instrução de guerrilha e apoiá-los logisticamente para libertar o continente de qualquer tipo governo capitalista ou desfavorável ao socialismo, através de revoluções por toda a América Latina aos moldes da realizada por Cuba. Enquanto posadista eu apoiava a proposta da OLAS no final dos anos 60.

²⁷ Peter Miguel Camejo Guanche (1939-2008) dirigente norte americano de origem venezuelana do SWP/TLT/QI-SU. Candidato a vice-presidente dos EUA em 2004 na chapa de Ralph Nader.

De Moreno ao PSOL

foquista lançada pelo castrismo e o PC Cubano. Nessa época eu militava no **PORT** posadista que era favorável ao foquismo. O foquismo, de forma simplificada, pode ser entendido como uma proposta de se abrir focos guerrilheiros simultâneos na maior quantidade de países possíveis como uma forma de enfrentamento global do imperialismo. Esse posicionamento foi duramente criticado pelo **SWP** e pelo **PST** argentino, além de outros grupos sul americanos como vimos acima. As críticas consideravam que a teoria do foco era uma política elitista, isolada do movimento de massas e que certamente provocaria grandes desastres por não estar construindo um partido internacionalista mundial. O desvio se mostrou verdadeiro quando o trotskismo perdeu inúmeros quadros que se lançaram à guerrilha foquista. Na Argentina as perdas foram significativas. No Brasil em 1968, o XXX Congresso da UNE concebido nessa proposta foi reprimido pela ditadura militar e os 700 delegados, entre os quais eu me incluía, foram todos presos. Contudo, o apelo à guerrilha feito pela OLAS era muito intenso e envolvia nossa nascente militância guevarista. É nessa conjuntura internacional que o **SU** se converte numa “federação” de tendências, onde cada um aplicava sua própria proposta de luta, mas mesmo assim teve um destacado papel unificador. O ano de 1968 foi um ano de luta intensa, com destaque para o movimento popular e estudantil em maio na França. É nessa conjuntura francesa que surge a corrente Liberdade, Socialismo e Revolução (**LSR**), atualmente integrada no PSOL.

Em 1969 Moreno encontrava-se preso no Perú quando escreveu o interessante texto “*Moral bolche o espontaneista*”. O folheto veio em resposta a problemas concretos que se apresentavam no trabalho de construção do partido e na formação da militância revolucionária. Discute a questão moral em contraste com a moral burguesa e pequeno burguesa e os aspectos centrais que, desde o ponto de vista da classe trabalhadora, precisam ser levados em conta nas regras morais que regem a luta para a construção de uma nova sociedade socialista e de seu partido revolucionário.

A década de 70

Em 1972 a fração **PRT-La Verdad** se fundiu com o pró-Partido Socialista Trotskista da Argentina para fundar o Partido Socialista dos Trabalhadores (**PST**) argentino. Nessa fusão houve a participação de Juan Carlos Coral, um dirigente do Partido Socialista (**PS**). Nos anos seguintes, em plena ditadura, vários militantes do **PST** foram presos ou assassinados pela *Triple A*²⁸, principalmente durante o governo de Isabelita Perón (1974-1976). Na ditadura de Videla²⁹ (1976-1981) Moreno é obrigado

²⁸ Triple A ou *Alianza Anticomunista Argentina* ou simplesmente **AAA** foi um esquadrão da morte de extrema direita peronista que atuou na Argentina dirigido pelo assassino José Lopez Rega. Suas ações se iniciaram em 1973 e tinham como meta a eliminação de lideranças de esquerda.

²⁹ Jorge Rafael Videla foi um ditador argentino no período de 1976 a 1981. Diferentemente do Brasil que não puniu os crimes da ditadura Videla foi preso por crimes contra o povo argentino em 1983 e morreu na prisão em 2013.

De Moreno ao PSOL

a se exilar e o **PST**, juntamente com todas as organizações de esquerda (exceto o PC), foi proscrito. Todos sofreram forte repressão e inúmeros militantes do partido foram presos. De fora do país Moreno continuava na direção do **PST**. Nessa época o morenismo se organizou também no Uruguai e na Venezuela. Muitas das propostas de Moreno desse período foram duramente criticadas por outros setores da esquerda. Seguindo Moreno o **PST** se alinha com o **SWP** por vários anos. Na sequência, durante embates internos na Internacional, o **SWP** forma a Fração Leninista Trotskista (**FLT**) à qual o **PST** adere. Vale ressaltar que o **PST** era apenas uma das seções da **QI** reconhecida na Argentina, pois havia também o **ERP** com proposta guerrilheira guevarista-mandelista que também tinha reconhecimento da **QI**.

Em 1973, vivendo na clandestinidade e por questão de segurança, Moreno assinava seus textos com o codinome Miguel Capa, por exemplo o importante texto *Tesis sobre el guerrillerismo*.

Quanto à participação do **PST** na Revolução Portuguesa transcrevemos o texto abaixo elaborado pela **LIT-QI**: *“Quando estoura a revolução portuguesa em 1974 o **PST** envia quadros para participar do processo. Impulsionamos uma política para a tomada do poder centrada no chamado ao desenvolvimento e centralização dos organismos de duplo poder que tinham surgido. Ganhamos um setor de estudantes secundaristas e organizamos o partido português, que acabou por fornecer importantes quadros para a Internacional. Essa revolução mais uma vez mostrou a capitulação de Mandel que, seguindo o maoísmo, deu apoio ao Movimento das Forças Armadas (MFA) que co-governava o império português. Esse processo também provocou a ruptura em 1975 da FLT (fração que tínhamos formado com o **SWP** para enfrentar o mandelismo), frente a impossibilidade de termos uma mesma política para a revolução. Para eles, a tarefa central era levantar palavras de ordem democráticas e editar obras de Trotsky. A maioria das organizações e militantes da Colômbia, Brasil, México, Uruguai, Portugal, Espanha, Itália e Peru se retiram da FLT e junto com o **PST** argentino constituem uma tendência que em seguida se declara fração do **SU**, a **FB** - Fração Bolchevique - que mais tarde daria origem à **LIT-QI**. A participação na revolução portuguesa e a polêmica com o mandelismo e o **SWP** nos fez avançar na elaboração teórica sobre a construção do partido em processos revolucionários, expressa em “Revolución e Contrarrevolución en Portugal”, um texto de Moreno datado de 1975. Sobre o rompimento com o **SWP** Moreno anos depois descrevia que: “En 1973, el **SWP** norteamericano, el **PST** argentino y otros partidos habían formado la Fracción Leninista Trotskista (FLT), para enfrentar las desviaciones mandelistas. La FLT explotó entre 1975 y 1976, dividiéndose en dos corrientes, una liderada por el **SWP** y otra por el **PST**. La ruptura se produjo por diferencias en torno a la revolución portuguesa y la guerra de Angola.”*

No final de 1975 e início de 1976 um novo desafio se apresentava ao trotskismo: a revolução angolana. Assim se referiu Moreno a esse período: “Desde sempre para nós nos caracterizou uma política intransigente em relação ao MPLA [Movimento Popular

De Moreno ao PSOL

de Libertação de Angola], apesar do apoio militar entregue nos últimos meses do ano de 1975 e os primeiros de 1976. É preciso não confundir o apoio militar com o respaldo político dado a uma corrente como o MPLA, movimento de claras características neocoloniais e reformistas. É evidente e inegável a profunda diferença que existe entre o **SWP** e nós, diferença que adquire, ademais, um caráter extremadamente grave. Tão grave como, de haver existido militantes trotskistas em ambas as posições em Angola, que poderiam ter estado em posições opostas durante a guerra civil: os do **SWP** em atitude de espectadores e comentaristas, enquanto que os nossos, à frente da coluna do MPLA e com os cubanos, enfrentado a “coluna” dos sulafricanos-FNLA-UNITA” [apoiados pelos EUA]. Nesse instante os morenistas discordavam da política do **SWP** acusando-os de estarem contrariando o próprio trotskismo e não apoiando nenhum dos lados por considerarem que essa guerra era “fratricida e fracional”.

Em 1977 depois da dissolução da FLT o **PST** participou da formação da Fração Bolchevique (**FB**) ou Tendência Bolchevique da **QI**. Em 1979 a **FB** saiu da Internacional, devido a divergências com Mandel quanto ao sandinismo em suas estratégias e táticas na Frente Sandinista de Libertação Nacional (**FSLN**)³⁰ durante a Revolução na Nicarágua. A conjuntura desse período é a que segue. Na Revolução Nicaraguense³¹ em 1979 a fração morenista internacional enviou quadros da corrente para combater fisicamente ao lado da **FSLN** tendo como meta a derrubada do ditador pró-americano Anastácio Somoza Debayle. Apesar de ter divergências com o sandinismo, é formada a Brigada Internacional Simon Bolívar com combatentes morenistas revolucionários e combatentes independentes organizados através do **PST** colombiano. Os quadros revolucionários eram provenientes da Colômbia, Panamá, Costa Rica, EUA e Argentina. Nessa época Moreno estava exilado em Bogotá. Embora a Brigada estivesse integrada no exército sandinista a participação na luta passava por uma postura de total independência política, baseada numa tática de intervenção internacionalista. A participação nos combates foi intensa e com isso pode lograr a liberação do sul da Nicarágua, à custa de muitos mortos e feridos. Com o triunfo da revolução os brigadistas foram recebidos como heróis em Manágua. Porém, além de participar da luta armada contra a ditadura de Somoza, as brigadas também atuavam na fundação de sindicatos independentes do sandinismo, o que não era aceito pela cúpula da **FSLN**. Cerca de 70 sindicatos foram formados em apenas uma semana.

³⁰ A Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) é uma organização partidária revolucionária nicaraguense fundada em 1961 que tomou a direção do vitorioso processo revolucionário de 1979.

³¹ A Revolução Sandinista da Nicarágua foi um enfrentamento revolucionário no período de 1979 a 1990. Seu principal objetivo era a tomada do poder que estava nas mãos do ditador Anastácio Somoza Debayle (1925-1980) e instaurar um governo popular. Somoza foi executado em 1980 no Paraguai, sob o governo do ditador Stroesner, quando seu carro foi detonado por uma tiro de bazuca. O termo sandinista vem do líder nicaraguense Augusto Cesar Sandino (1895-1934) um revolucionário assassinado pelo presidente Anastácio Somoza Garcia (1896-1956) pai de Debayle.

De Moreno ao PSOL

Os embates com o sandinismo foram mais além, quando os morenistas exigiram que o sandinismo rompesse com a burguesia e tomasse o poder juntamente com os sindicatos operários. O sandinismo, seguindo a política cubana, estava num governo de coalizão com Violeta Chamorro³². Mandel e a **SU-QI** defendiam que a Brigada deveria ser desarmada ou se incorporar à **FSLN**, conforme exigia a direção sandinista. O **SU** havia enviado uma delegação a Manágua acusando os brigadistas morenistas de serem um grupo ultra esquerdistas com o qual não tinham vínculo, e também votam uma resolução proibindo a construção de partidos por fora do sandinismo. No desenvolvimento desse confronto estratégico o comando da revolução decide expulsar a Brigada do país e entregar alguns de seus membros ao governo do Panamá, com quem o sandinismo estava aliado. Vários brigadistas foram presos e torturados pela polícia panamenha. Segue citação da **LIT-CI** para aquela época: *A negativa em defender militantes revolucionários torturados pela burguesia e o fato de terem votado essa resolução interna que na prática era um decreto de expulsão de nossa corrente obrigaram nossa ruptura definitiva com o SU. Esses fatos revelaram a verdadeira polêmica dentro do SU. Nós defendíamos a necessidade de construir um partido revolucionário na Nicarágua e eles não. A mesma discussão existiu em relação a Cuba, tanto sobre a construção do partido, quanto à necessidade da revolução política. "Tudo isto demonstrava a crescente capitulação do SU ao castrismo e ao sandinismo."*

O processo de rompimento com o castrismo e o sandinismo aproximou o morenismo do lambertismo do qual havia se afastado desde 1963. Lambert deu sua solidariedade à Brigada Simón Bolívar. Assim, foi possível uma retomada de discussão *"com a elaboração de grandes acordos principistas e programáticos expressos nas "Teses para a atualização do Programa de Transição", de Nahuel Moreno. Nesse texto se define o estalinismo e o castrismo como agentes contrarrevolucionários; reconhecem-se como revoluções os processos do pós-guerra (Leste Europeu, China, Cuba) apesar de não terem sido encabeçados pela classe operária e seu partido revolucionário"* (citado pela **LIT-CI**).

A década de 80

Nesse ano de 1980 Moreno escreve um de seus textos mais importantes o *"Actualización del Programa de Transición"*. que serve de base para a elaboração do programa da **QI-CI**. Com isso selava-se a aliança da Fração Bolchevique (**FB**) liderada por Moreno, com o Comitê de Reconstrução da **QI (COR-QI)** encabeçado por Pierre Lambert. No texto Moreno opina que Trotsky se equivocara em alguns dos prognósticos do *"Programa de Transição da QI"* e apresenta sua teoria das "revoluções inconscientes" (ou "revoluções de Fevereiro") e as "revoluções

³² Violeta Barrios de Chamorro foi presidenta da Nicarágua no período de 1990 a 1997. Era viúva de Pedro Joaquín Chamorro Cardenal um opositor ferrenho ao ditador Anastácio Somoza Garcia. Sua eleição se deu com a derrota do sandinismo liderado por Daniel Ortega. Chamorro contou com ajuda dos norte-americanos que queriam retirar o poder das mãos dos sandinistas.

De Moreno ao PSOL

conscientes" (ou "revoluções de Outubro"). Segundo Moreno, Trotsky não havia outorgado a importância suficiente para a questão das revoluções democráticas, o que para alguns setores do trotskismo significava o retorno às posições mencheviques combatidas por Trotsky desde a formulação de sua *Teoria da Revolução Permanente* em 1906. Os pontos acordados com Lambert foram: 1) a necessidade de impulsionar a revolução política contra os estados operários degenerados surgidos; 2) analisar a guerra de guerrilhas e a política oportunista de suas direções dando especial importância à defesa do direito de autodeterminação das nacionalidades oprimidas e às tarefas democráticas; 3) identificar o início do processo de crise dos aparatos contrarrevolucionários, em especial o estalinismo, o que abre possibilidades de lutar por partidos trotskistas e uma IV Internacional de massas. Para tanto é constituído um Comitê Paritário que culmina em 1980 com a formação da **QI-Comitê Internacional (QI-CI)**. Tudo indicava que era possível dar um grande passo no caminho da reconstrução da IV, contudo a aliança com Lambert durou apenas um ano. As divergências políticas entre morenistas e lambertistas se deram, mais uma vez, em relação à tática da Frente Única ou da Frente Popular com o governo socialista francês de Mitterrand³³. Em análise posterior das razões desse racha alguns morenistas colocam que o morenismo tinha “*pouca experiência com o trotskismo europeu e assim cometia um erro ao não ver que o lambertismo tinha fortes laços com a burocracia sindical o que o levou a capitular ao governo da Frente Popular. Assim que ocorreu a vitória de Mitterrand na França, Lambert se nega a discutir a política para a França e começam as expulsões de militantes que se colocam contra essa política isso provoca a ruptura da QI-CI.*” Frente à ruptura com o lambertismo os morenistas se viram obrigados avançar na elaboração sobre a frente popular, como pode ser visto no livro “A Traição da OCI”, de Moreno (1981).

Próximo ao final da ditadura argentina em 1982 os morenistas se reagrupam formando o *Movimiento Al Socialismo (MAS)* que ficou sob a direção de Moreno até sua morte em 1987. Participaram também da fundação Petizo Paez e César Robles, assassinado pela *Triple A* tempos depois. O sucesso do **MAS** se deve em parte por ter se integrado na frente eleitoral Esquerda Unida e por ter se lançado num enfrentamento aberto com a ditadura onde assumiu um papel histórico que lhe custou a prisão de 250 militantes e a morte ou “desaparecimento” de mais outros 100. A atuação do **MAS** era clandestina e mesmo assim manteve a edição de seu jornal, atuou no movimento operário, no movimento jovem e penetrou na intelectualidade argentina de esquerda. Ao eclodir a Guerra das Malvinas (abril a junho de 1982) durante os governos Galtiere³⁴ e

³³ François Mitterrand (1916-1996) foi um presidente da França no período de 1981 a 1995.

Durante algumas épocas de sua vida Mitterrand atuou pela direita e dentro do fascismo.

³⁴ Leopoldo Fortunato Galtiere ditador militar argentino no curto período de dezembro de 1981 a junho de 82. Para conter o descontentamento popular Galtiere se lançou na Guerra das Malvinas tentando desviar a atenção dos problemas internos. Deixou o cargo depois da derrota militar no embate com a Inglaterra. Foi condenado durante o governo Alfonsín; foi anistiado por Menen, e morreu durante prisão domiciliar em 2003.

De Moreno ao PSOL

Bignone³⁵, embora houvesse um grande enfrentamento popular à ditadura argentina, o **PST** centrou sua política na identificação e ataque do imperialismo invasor inglês de Thatcher como o inimigo principal. Assim, sem deixar de denunciar a ditadura o partido se colocou no campo militar argentino e lutou pela derrota do imperialismo. Com essa postura o **PST** ao final da ditadura era um partido com grande aceitação popular onde contava com 800 quadros sólidos que se voltaram de imediato para a formação do **MAS**, como vimos acima. Em meados dos anos 80 o **MAS** cresce ainda mais se constituindo na segunda maior organização de esquerda na Argentina e o maior partido trotskista do mundo com 15 mil membros e algo em torno de 500 sedes em território argentino. Nessa época o **MAS** teve muita participação na luta operária e sindical.

Em 1984, já ao final da ditadura militar na Argentina, Moreno retorna à Argentina e os morenistas formam a Liga Internacional dos Trabalhadores - **LI** (**LIT-LI**) bastante baseada, mas não exclusivamente, na América Latina. Nos textos dessa época Moreno assegurava que a Argentina vivia uma revolução democrática e que existia uma situação revolucionária a nível mundial. Segundo a própria **LIT-LI** sua origem se dá como sucessão do **GOM** de 1944, já descrito acima. Sobre a fundação da **LIT-LI** eles próprios assim descrevem o processo de formação: *Em janeiro de 1982 realizou-se uma reunião internacional com os partidos da **FB** [Fração Bolchevique] e dois importantes dirigentes do lambertismo: Ricardo Napurí, do Peru e Alberto Franceschi, da Venezuela. Um dos pontos centrais da reunião era organizar uma campanha em defesa da honra revolucionária de Napurí, atacado moralmente por Lambert por expressar diferenças políticas com este. Outro grande ponto era como avançar na construção da Internacional. A reunião, depois de aprovar a campanha, resolveu por unanimidade converter-se na conferência de fundação de uma nova organização internacional. Aprovam-se então as teses de fundação e os estatutos da **LIT-LI**. A **LIT-LI** não é somente a **FB** com outro nome, já que a ela se integra Franceschi e seu partido, o **MIR** proletário, que romperam com o lambertismo. Pouco depois Napurí se incorpora, junto com a metade do partido peruano, que também rompem com Lambert. (...)*

Em 1985 em uma entrevista, publicada apenas após sua morte, Moreno assim definia sua proposta de vida: “En líneas generales, significa defender las posiciones de principio del socialismo, del marxismo. Es decir, los trotskistas hoy día son los únicos defensores, según mi criterio, de las verdaderas posiciones marxistas. Empecemos por entender qué significa ser verdaderamente marxista. No podemos hacer un culto, como se ha hecho de Mao o de Stalin. Ser trotskista hoy día no significa estar de acuerdo con todo lo que escribió o lo que dijo Trotsky, sino saber hacerle críticas o superarlo, igual que a Marx, que a Engels o Lenin, porque el marxismo pretende ser científico y la ciencia enseña que no hay verdades absolutas. Eso es lo primero, ser

³⁵ Reynaldo Bignone militar argentino e último governo da ditadura de julho de 81 a dezembro de 1983

De Moreno ao PSOL

trotskista es ser crítico, incluso del propio trotskismo.” Um ano depois o camarada morreria.

Sobre a morte de Moreno em 25 de janeiro de 1987 podemos ver que sua repercussão foi uma surpresa até mesmo na Argentina onde a população em geral e a mídia argentina não se davam conta da importância do camarada. Relatos da época mostram que nas cerimônias fúnebres estavam presentes milhares de militantes e houve repercussão entre os partidos trotskistas e centrais sindicais de todo o mundo. Como despedida e homenagem Hugo Blanco escreve: *“Reconozco en él a mi mayor maestro del marxismo y siempre lo he reconocido así, a pesar de que los avatares de la lucha revolucionaria hace años que separaron nuestros caminos. Latinoamérica ha perdido a un incansable e inteligente combatiente de la revolución”* (Ser Trotskysta Hoy 1985-1988).

Após a morte de Moreno o **MAS** se fragmentou em inúmeros grupos trotskistas. O impacto da morte de Moreno se refletiu também na **LIT** que sofreu um debilitamento qualitativo de rumo internacional onde a nova direção dá respostas equivocadas aos processos que ocorriam no leste europeu em 1989-90 e em outras partes do mundo. Embora esses processos fossem definidos como revolucionários, não se via *“suas contradições, fazendo assim uma caracterização unilateral”*. *“Surge então para o Leste e todos os países uma atitude autoproclamatória e uma política com traços oportunistas de capitulação à reação democrática.”* Todo esse impacto leva a uma grande crise na corrente com a ruptura e retrocesso em partidos morenistas em muitos países e a quase extinção da **LIT**. Essa crise vai se estender até 1994.

Parte II - O morenismo no Brasil

Ponto de Partida (PP)

No início dos anos 70, com a intensificação da repressão da ditadura militar no Brasil, alguns militantes da esquerda brasileira foram para o Chile onde pediram e obtiveram asilo político. Naquela época o país andino era governado pelo socialista **Salvador Allende**³⁶ e era um local seguro para refugiados de diversas ditaduras sul americanas. Depois de algum tempo esses exilados brasileiros se organizam num grupo denominado **Ponto de Partida** com a proposta de unificarem uma corrente trotskista de ação política. O grupo era formado por: Túlio Quintiliano³⁷, ex-militante do **Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR)**³⁸; Enio Bucchioni³⁹, ex-

³⁶ Salvador Allende (1908-1973), presidente marxista do Chile (1970-1973). Allende foi o primeiro chefe de estado marxista eleito na América do Sul. Foi assassinado durante o golpe militar de estado liderado pelo general Augusto Pinochet. Foram longos anos de terror fascista no Chile.

³⁷ Túlio Quintiliano brasileiro exilado no Chile. Com o golpe militar de Pinochet, em 1973, foi preso e assassinado pela repressão chilena. Seu corpo nunca foi encontrado.

³⁸ Partido Comunista Brasileiro Revolucionário foi um partido político marxista e clandestino, fundado em 1968 por Mário Alves, Jacob Gorender e Apolônio de Carvalho, egressos do PCB.

De Moreno ao PSOL

militante da **Ação Popular (AP)**⁴⁰, Maria José Lourenço (Zezé) Jorge Pinheiro, ambos ex-militantes do **Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR)**⁴¹; Waldo Mermelstein e Jones de Freitas. O PP, como pode se ver pela origem de seus primeiros quadros, era um grupo diversificado e formado principalmente por jovens militantes. Durante o IX Congresso da **QI**, entraram em contato com duas importantes figuras do movimento trotskista internacional o crítico brasileiro Mário Pedrosa e o peruano Hugo Blanco. Mário foi quem os colocou, tempos depois, em contato com o grupo de Moreno no **PST** argentino e posteriormente com Peter Camejo do **SWP** que abrigava sua corrente a Tendência Leninista Trotskista (TLT), ambos contrários à formação de focos guerrilheiros desde 1971. A base teórica do grupo seria formada na proposta do texto *Argentina y Bolivia un Balance*, já abordado anteriormente. O documento anti foquismo fez com que o grupo repensasse essa questão, enquanto que no Brasil o apelo foquista continuava forte. *“Essa atitude crítica aparece claramente na primeira manifestação pública do grupo Ponto de Partida, o documento “A propósito de um sequestro”, divulgado em 1971(...). O texto posicionava-se contrariamente às ideias [foquistas] e práticas [guerrilheiras] predominantes na nova esquerda brasileira. Escrito logo após a libertação pela ditadura militar brasileira de 70 prisioneiros políticos em troca do embaixador suíço Giovanni Enrico Bucher, sequestrado pela VPR de Carlos Lamarca, contrariava a euforia que o feito havia provocado entre os exilados no Chile. Ponto de Partida colocou o dedo em uma ferida aberta (...)”* (Álvaro Bianchi)⁴²

Enio Bucchioni assim me descreveu brevemente, em 2015, o seu período de exílio e o retorno ao Brasil: *“Mario [Pedrosa] foi quem levou Túlio Quintiliano e Jones de Freitas às concepções de Trotsky durante a longa estadia dos três [militantes] no Consulado chileno enquanto aguardavam salvo-conduto para o exílio em Santiago. Fizemos, durante os três anos do Chile, inúmeras reuniões com um 'velho' trotskista chileno chamado Santander. Ele era um dirigente da Fração Socialista, seção da IV Internacional, que virou o PSR – Partido Socialista Revolucionário um pequenino partido formado um pouco antes do golpe de Pinochet. Tivemos contato com a minoria da IV Internacional através de reuniões com Peter Camejo, então um dos dirigentes do SWP norte-americano. Enviamos um companheiro nosso, bem de base (pois era o único que dispunha de documentação para viajar) para fazer um curso de*

³⁹ Militante brasileiro exilado no Chile onde foi preso após o golpe de Pinochet. Foi um dos últimos brasileiros a sair do Chile, tendo sido expulso para a França. Posteriormente foi para Portugal.

⁴⁰ Ação Popular (AP) foi uma organização política de esquerda criada em junho de 1962 entre militantes católicos (JUC e Ação Católica) da qual participaram, entre outros: Herbert José de Souza (Betinho), José Serra, Aldo Arantes e outros.

⁴¹ O MNR foi uma organização de esquerda marxista que enfrentava a ditadura brasileira. Era composta basicamente por militares cassados que recorreram à luta armada. Inicialmente eram influenciados por Leonel Brizola que tinha apoio de Fidel Castro. Sua direção em seus primórdios estava em Montevidéu.

⁴² In: Do Ponto de Partida à fundação da Liga Operária (1970-1974)

De Moreno ao PSOL

*formação no antigo **PST** argentino. (...) o Ponto de Partida cindiu em 1971. Eu fiquei com Túlio Quintiliano e mais seis companheiros. Jones ficou com os demais. No entanto, Jones adoeceu e seu grupo ficou praticamente sem ação na colônia de exilados brasileiros. Nós ficamos com o nome Ponto de Partida. Em 1973, poucos meses antes do golpe, o grupo do Jones voltou a ter atividades na colônia e, assim, nós ficamos com o nome de Ponto de Partida 1 e o Jones com Ponto de Partida 2. Assim, não sei (...) dizer quais foram os contatos que o Ponto de Partida 2 fez com a minoria da IV Internacional entre 1971 e 1973. Pouco antes do golpe, decidimos nos reunificar. No entanto, o golpe [militar contra Allende] fez com que nos desarticulássemos. Túlio foi assassinado pelos milicos, eu fui preso por 3 meses e expulso para a França. Não tivemos absolutamente nenhum contato pessoal com Moreno. Só fui conhecê-lo pessoalmente uns 3 anos após o golpe de Pinochet, quando eu era membro do CC do **PRT**, seção do **SU** da IV Internacional em Portugal. Lá em Lisboa conheci e trabalhei no **PRT** com o Pedro Fuentes durante o período em que ele esteve por lá. Por mera sorte, após o golpe de Pinochet, quatro companheiros do Ponto de Partida 2 conseguiram se refugiar na Argentina e tiveram acesso direto ao antigo **PST** e certamente tiveram acesso a conversas com Moreno. Pouco tempo depois eles voltaram ao Brasil e construíram a Liga Operária, que, mais tarde, daria origem à Convergência Socialista. “Eu voltei do exílio em 1978 e, evidentemente, me integrei à Convergência.”*

Em texto de Bianchi, assim ele complementa o acontecido: “Uma divisão, então, ocorreu. Formou-se, assim, o Ponto de Partida 1, composto pelos militantes que acreditavam que a realidade brasileira e a propaganda entre os exilados deveria ser sua prioridade dos esforços. Dentre eles estavam Enio Bucchioni e Túlio Quintiliano. De outro lado estava o Ponto de Partida 2, ao qual pertenciam Freitas, Valdez Duarte, Maria José Lourenço (Zezé) e Jorge Pinheiro, e que propunha que os exilados brasileiros intervissem no rico processo político chileno. As relações entre os dois grupos, entretanto, não se deterioraram e mantiveram um forte elo de ligação entre eles. Em comum tinham o contacto com o **SWP** estadunidense, através de Peter Camejo e com o Partido Socialista de los Trabajadores argentino, por intermédio de Hugo Blanco, bem como a proximidade com as teses defendidas pela TLT. A partir de meados de 1973 ambos os grupos começaram a discutir sua reunificação.”

Em entrevista para Wilson Silva (**PSTU**), Zezé depõe sobre esse período: Eu conheci o Moreno em 1972, ainda no Chile, quando nós, alguns brasileiros, nos aproximamos da Internacional, do trotskismo. Era o 9º Congresso da Internacional e havia uma discussão entre aqueles que defendiam a linha da guerrilha e os que defendiam a construção de um partido internacional com influência de massas. Nós que vínhamos da guerrilha e tínhamos feito uma experiência desastrosa com a guerrilha brasileira, nos identificamos com os que defendiam a construção de partidos com influência de massas e fomos apresentados, através dos norte-americanos que passaram pelo Chile, pra visitar o Mário Pedrosa, e fomos apresentados ao Moreno. E ele começou uma discussão conosco de que, se nós nos aproximávamos teoricamente da proposta de que

De Moreno ao PSOL

a saída para a revolução e o socialismo era a construção de partidos revolucionários com influência de massas, teríamos que nos dedicar a esta tarefa. A partir daí desenvolvemos uma relação importante com ele. O mais importante, eu acho, foi que a primeira coisa que ele nos colocou era que tínhamos que fazer cursos teóricos. Ele nos levou para uma escola de quadros, de quase 20 dias, na Argentina, que começava com Feuerbach, Hegel, as leis da dialética, a lei do desenvolvimento desigual e combinado, revolução permanente, para concluir com estudos sobre o partido(...).”

Assim Bianchi descreve o pós-golpe: “O golpe de setembro de 1973 no Chile dispersou os componentes desse pequeno reagrupamento. Maria José, Pinheiro, Duarte e Mermelstein foram para o exílio na Argentina, Jones para o Canadá. Bucchioni e Quintiliano não conseguiram fugir, foram presos e confinados no Estádio Nacional de Santiago, juntamente com milhares de outros militantes chilenos. O primeiro conseguiu sair para o exílio e dirigiu-se para Portugal, mas Túlio teve um trágico destino, sendo assassinado de modo cruel pela ditadura de Augusto Pinochet. O trotskismo ortodoxo brasileiro era castigado com seu primeiro mártir antes mesmo de pisar no Brasil”.

Liga Operária (LO)

A Liga Operária (LO) começou a ser organizada por Maria José (Zezé), Jorge Pinheiro, a Valdevez Duarte e Waldo Mermelstein, que haviam saído do Chile onde estavam agrupado no Ponto de Partida como vimos acima. Bianchi cita que: “*Na Argentina, os brasileiros exilados mantiveram estreito contato com a direção do (...) PST [argentino] e discutiram com estes como organizar uma nova organização trotskista no Brasil. Não era a primeira vez que os argentinos entravam em contato com militantes brasileiros.*” Alguns dos militantes brasileiros tinham experiência em guerrilha foquista. Dessa época, ainda baseado em Bianchi, “*Moreno, um dos dirigentes do PST era cauteloso e até mesmo cético a respeito das possibilidades de levar essa empresa a bom termo. Aconselhava esperar mais. Considerava que o grupo tinha aquelas características boêmias e intelectualistas de muitos exilados e temia que fossem massacrados rapidamente pela ditadura.*” Frente a essa situação Moreno pediu a Skromov⁴³, outro brasileiro exilado na Argentina, que promovesse a “*bolchevização*” do grupo proveniente do Chile. Assim Skromov me informou sobre esse primeiro contato: “*Eu [Bianchi] gostava de frequentar a livraria que o PST de Moreno mantinha na loja de frente de sua sede. Eu passava horas a ler, em pé os livros marxistas dali que não podia comprar. Acabei chamando a atenção, e um belo dia em que ali estava a ler um dos volumes das obras completas de Trotsky, Moreno me chamou lá pra dentro da sede em seu escritório e após uma boa conversa propôs que me daria vale alimentação no restaurante dali da sede do partido. Estavam em plena campanha pela candidatura Juan Carlos Coral/Nora Ciampolini e estava sem*

⁴³ Paulo de Mattos Skromov, foi presidente do Sindicato dos Coureiros do Estado de SP e participante do movimento sindical brasileiro a partir da década de 1960. Paulo foi um dos fundadores do PT.

De Moreno ao PSOL

*tempo de cuidar de um grupo de brasileiros, que reunira e abrigara, foragidos do Chile, alguns deles oriundos do MR 8 carioca e outros de outras trajetórias. Usou a expressão "bolchevizar" para definir a tarefa que esperava de mim junto ao grupo de brasileiros. Aceitei de pronto e ele me acompanhou na mesa do almoço (já almoçara). Sai de lá com os dois primeiros compromissos agendados. Eu deveria realizar leituras e debates de textos com o grupo e acompanhá-los em alguns eventos da campanha Coral presidente. Eles, os jovens brasileiros, estavam a elaborar um texto para se apresentar e distribuir no Brasil como **PST do Brasil**. Um dos debates mais interessantes em torno do texto é que definiam o Brasil e a burguesia brasileira como subimperialista em relação aos vizinhos sul americanos hispânicos. Outro problema do texto é que definia o governo militar brasileiro como fascista. Isso nos ensejou debater os conceitos essenciais de imperialismo e de fascismo”.*

Pedro Fuentes⁴⁴, assim me narrou a aproximação com o grupo brasileiro: “Em 1972-73, tomamos contato, em Buenos Aires, com um grupo brasileiro exilado no Chile denominado Ponto de Partida. Nessa época nossa corrente era o **PST** e éramos o único partido de esquerda que afirmava que tinha que participar no processo eleitoral argentino. Toda a ultra esquerda estava envolvida na guerrilha ou agitava a palavra de ordem “nem golpe nem eleição, revolução” Isso permitiu apresentar candidatos operários e socialistas à eleição ganha pelo peronismo. Nós ficamos com 2% dos votos. Os companheiros brasileiros se uniram a nós e voltaram ao Brasil para fundar a Liga Operária que começou a progredir lentamente no movimento operário, principalmente no ABC, participando inclusive na gloriosa **greve de 1978**⁴⁵. Nessa época nós já tínhamos a proposta política de que no Brasil poderia surgir um partido dos trabalhadores e por isso estivemos desde a fundação como parte do mesmo”.

De parte dos exilados estes estavam ansiosos para retornar ao Brasil por estarem correndo o risco de perderem as raízes com a luta e se tornarem exilados para sempre. Em 1974 voltaram ao Brasil para um trabalho político clandestino aonde chegaram a reunir cerca de 300 militantes até 1977⁴⁶. A LO existiu até 1978 e teve participação

⁴⁴ Pedro Fuentes é um trotskista argentino, atualmente radicado no Brasil, que militou e conviveu grande parte de sua vida com Moreno. Neste texto há alguns depoimentos feitos por Pedro diretamente a mim. Atualmente (2015) Pedro é Secretário Internacional do PSOL e uma referência marcante e de proa do morenismo no Brasil.

⁴⁵ Em 1978 eclodiram diversas Greves no setor de trabalhadores metalúrgicos do ABC, principalmente em São Bernardo. Foi nesse instante que se consolidou a liderança operária de Lula que iria desembocar anos depois na fundação do PT. Nessa época eu militava junto aos frades dominicanos no Centro de Documentação e Pesquisa Vergueiro (CPV), na época um “Centro de Pastoral”. Era nossa proposta o apoio incondicional às greves, participando de panfletagem em portas de fábrica e mesmo estarmos presentes nas assembleias realizadas no estádio de Vila Euclides. Após as greves participamos intensamente das discussões e da formação do PT.

⁴⁶ Neste período eu estava no Centro de Pastoral Vergueiro (atual Centro de Pesquisa Vergueiro) juntamente com frades dominicanos e demos alguma ajuda ao grupo.

De Moreno ao PSOL

ativa nas lutas estudantis e operárias na década de 70. “*Seu primeiro jornal, Independência Operária, lançado em fevereiro de 1974, não passava de duas modestas páginas de papel sulfite dobradas no meio, impressas na Argentina e introduzidas clandestinamente no Brasil. Abaixo do nome vinha o subtítulo “Pela unificação dos revolucionários brasileiros”. Na capa os propósitos do novo periódico eram anunciados: “Independência Operária surge como uma tentativa de unificar as forças operárias e revolucionárias para a construção do socialismo no Brasil.”. Nossa primeira tarefa será a de informar aos companheiros a situação do movimento operário, ao mesmo [tempo] que procurará participar nesse movimento. A nossa luta é a luta de todos os trabalhadores contra a ditadura e pela democracia operária.*” (Bianchi). Nas vésperas do 1º de Maio de 1977 a LO sofre um grande golpe quando militantes são presos pela polícia da ditadura no ABC paulista, distribuindo panfletos. Nesse dia foram presos: Celso Giovanetti Brambilla e Márcia Bassetto Paes da LO. Os dois ficaram presos por três meses no DOPS e um no Carandiru. Márcia assim me descreveu aquele período: “*Nesse mesmo dia também foi preso o militante José Maria de Almeida que depois de poucos dias de prisão no DOPS, se juntou à LO. Depois foram presos Anita Fabbri, Cláudio Lúcio Gravina e Fernando Pompeu Lopes (MEP) no mesmo dia. No ano seguinte foram presos 24 e aí sim foi quase toda a direção [da LO] inclusive Nahuel Moreno que estava no Brasil. Na prisão todos fizeram greve de fome, por um mês, para que Moreno não fosse extraditado para a Argentina. Em novembro todos fomos julgados num mesmo grupo. Esse (...) foi o grande golpe para a LO. As manifestações estudantis de 1977 estão no vídeo **O Apito da Panela de Pressão**”, [disponível no site do Youtube]⁴⁷. Inicia-se aí uma grande mobilização nacional na luta pela anistia no Brasil e pelo fim das torturas.*

Ainda em 1977 o **PST** de Moreno na Argentina, funda a Tendência Bolchevique (TB) dentro da **QI**, agrupamento ao qual a LO se filia de imediato.

Movimento Convergência Socialista (MCS)

Em 1978, os militantes exilados da LO, já no Brasil, propõem a formação de um amplo movimento, com o objetivo de reunir os socialistas brasileiros, num movimento para participar abertamente da vida política brasileira. Começa a se articular assim o **Movimento Convergência Socialista (MCS)**, que consegue reunir alguns dos velhos militantes socialistas brasileiros. A LO passa a chamar **Partido Socialista dos Trabalhadores (PST)** e se integra no MCS.

Partido Socialista dos Trabalhadores (PST)

O **Partido Socialista dos Trabalhadores (PST-Brasil)**, congregou os antigos militantes da LO integrada no MCS. Essa era a primeira reaglutinação de ex-exilados e militantes trotskistas brasileiros independentes. O **PST** durou apenas um ano até sua dissolução na CS em 1979.

⁴⁷ Márcia acrescenta que depois de muita tortura o Celso ficou surdo de um ouvido e com problemas de locomoção. Ela, que estava grávida, foi brutalmente torturada e sofreu aborto.

Convergência Socialista

Em 1978 formou-se a **Convergência Socialista** (CS) a partir do **PST** que era filiado ao MCS. A CS forma-se tendo como base a luta dos trabalhadores metalúrgicos de São Bernardo do Campo e como tantos outros grupos políticos participaria da organização do PT e da fundação da Central Única dos Trabalhadores (CUT)⁴⁸. Em agosto de 1978 a CS realiza sua primeira convenção nacional contando com mais de 300 delegados provenientes de oito estados, e 1200 pessoas presentes. Imediatamente após o término da convenção 24 militantes do MCS são enquadrados na Lei de Segurança Nacional e presos até o final do ano. Entre eles estava Moreno e a partir de sua prisão inicia-se uma campanha internacional pela libertação de todos os militantes. Essa campanha incluiu uma greve de fome e a mobilização do movimento estudantil tendo uma repercussão internacional com mensagens de libertação provenientes de diversas personalidades entre elas o escritor Gabriel Garcia Marques.

Em 1979 o MCS com a previsão do ascenso do movimento dos trabalhadores no Brasil, principalmente entre os metalúrgicos do ABC, já integrado no **PST** decide se dissolver na CS, já legalizada. De forma geral, os militantes da CS sempre testemunharam que esta, enquanto corrente do PT, se desenvolveu durante doze anos sem se perder na burocracia lulista que surgia. Frente à burocratização do partido e desvio de orientação a CS rompe com este, é expulsa, e funda o **Partido Socialista dos Trabalhadores Unidos (PSTU)** em 1992. De forma simplificada o rompimento se deu na discussão do apoio ou não do PT na campanha pelo *Fora Collor* defendida pela CS. O secretário geral do PT da época, José Dirceu, não concordou e acusou a CS de que "*ao defender uma campanha contra o presidente da República naquela oportunidade, com a palavra de ordem "Fora Collor", esta seria uma tática da CS de propor ao PT derrubar o governo Collor*". Fato seguinte, em abril de 1992, o deputado José Dirceu apresenta, na reunião da Executiva Nacional do PT, uma resolução que foi aprovada, dando prazo de 15 dias para que a CS se adaptasse à nova regulamentação de tendências. A resolução proibia manifestações abertas contra a política da direção majoritária. Afirmava José Dirceu que, "*para evitar a publicidade de tal política, se deveria proibir sedes próprias, jornal próprio, finanças próprias, relações internacionais públicas e de partido, pois estas seriam a exteriorização de uma política contrária às resoluções do PT e do seu primeiro Congresso*." A CS não acatou a resolução, se retirou do PT e parte dela fundou a CST.

Corrente Socialista dos Trabalhadores (CST)

A **Corrente Socialista dos Trabalhadores (CST)** formou-se em 1992 como uma organização marxista, trotskista de tradição morenista e revolucionária, quando um

⁴⁸ Como militante independente tendo como base o CPV, juntamente com diversos frades dominicanos estávamos igualmente envolvidos com a criação do PT e da CUT onde demos apoio às greves e onde participei como apoio em organização de informação nos seus primeiros quatro congressos. Essa documentação foi toda sistematizada e está disponibilizada no Instituto Edgard Leuenroth (UNICAMP)

De Moreno ao PSOL

setor da CS rompeu com a **LIT-QI**, depois de ser expulsa do PT. Nessa conjuntura propõem a formação de uma **Frente Revolucionária** que se agrega ao **PSTU** ainda em formação. Um pouco mais tarde a CST se organiza na **Unidade Internacional dos Trabalhadores (UIT-QI)**⁴⁹, juntamente com outros partidos que também haviam rompido com a **LIT**. Pouco depois o grupo revê a saída do PT e volta ao partido por discordar do processo de formação do novo partido, que se tornaria o **PSTU**. Colocavam que a CS teria forçado sua saída do PT. A maioria da CS/**LIT-QI** havia decidido construir um novo partido e isso diferia da análise de conjuntura da CST, assim voltam ao PT onde permanecem por 11 anos. Com o rompimento a CS e a CST passam a trilhar caminhos paralelos na luta. Um pouco antes do Lula concorrer à presidência a CST já considerava a possibilidade do rompimento com o PT, por discordar dos rumos tomados por esse partido. A ideia se concretizou após a expulsão do então deputado Babá, dirigente da CST em 2003, por esse não concordar com a Reforma da Previdência imposta pelo PT. Atualmente a CST organiza-se como uma corrente interna do PSOL, tendo participado desde o início de nosso partido, e atuado no **Bloco de Esquerda**. Sua proposta estratégica “*é a revolução socialista, com cooperação na construção de uma organização revolucionária, tentando fortalecer a unidade entre as organizações de esquerda combativa.*” A CST publica o periódico mensal *Combate Socialista*. No movimento sindical atua como corrente **Unidos pra Lutar** (2010 no CONLUTAS) e no movimento estudantil como Coletivo **Vamos à Luta**. Seus principais representantes são os paraenses João Batista Oliveira de Araujo, o Babá (ex deputado federal, vereador no RJ), o sindicalista Pedro Rosa (candidato a senador em 2014), o prefeito de Itaocara Gelsimar Gonzaga e a argentina Silvia Santos.

Corrente Socialista dos Trabalhadores - Minoria e Maioria

Em 1998, uma série de divergências nacionais e internacionais levou a uma divisão da CST em **CST-Maioria**, organizada principalmente no Rio Grande do Sul, e a **CST-Minoria**, organizada principalmente no Pará. A CST-Maioria passa a formar uma nova corrente trotsquista dentro do PT, o **Movimento da Esquerda Socialista (MES)** alinhada com o morenismo. A trajetória do MES está descrita adiante, enquanto corrente no PSOL.

PSTU

O **PSTU** foi fundado em 1993 num congresso da **LIT-QI** como um partido marxista, leninista, trotskista e morenista, vinculado desde o início como seção da **LIT** no Brasil onde tem o maior peso. Como vimos acima seus quadros eram provenientes da CS e depois da CST-Minoria. Sua proposta de atuação é de oposição de esquerda

⁴⁹ A Unidade Internacional dos Trabalhadores (UIT-QI), uma organização socialista revolucionária mundial, surge em Barcelona em 1997, com a fusão entre diversas correntes que se reivindicam continuadoras do legado político e teórico de Trotsky e do que foi um dos principais dirigentes do trotskismo do pós Guerra Mundial, Nahuel Moreno.

De Moreno ao PSOL

aos governos municipais, estaduais e federal. Atualmente, o partido conta com pequena presença parlamentar em todo o país e não ocupa outros cargos parlamentares ou governamentais. No primeiro momento organiza-se como **Partido Revolucionário dos Trabalhadores (PRT)** e em 1993 para o atual (**PSTU**), sendo registrado definitivamente em 1995. Seu dirigente máximo é Zé Maria. A proposta do **PSTU** baseia-se no centralismo democrático de origem bolchevique. Lenin, Trotsky e Moreno são as principais referências. Seu posicionamento contra o estalinismo o coloca contra os regimes burocráticos da URSS (1924-1989), contra o maoísmo e o castrismo cubano. Desde o início e com o passar dos anos o **PSTU** sofreu diversos embates políticos que resultaram em dissidências que se retiraram do partido e se constituíram em organizações independentes como a Corrente Socialista dos Trabalhadores (CST) descrita acima, o Coletivo Espaço Socialista (CES), a Liga Estratégia Revolucionária (LER) e o Coletivo Socialismo e Liberdade (CSOL), atualmente no PSOL conforme descrito abaixo. Por outro lado outros agrupamentos que haviam se fundido no **PSTU** rompem em seguida, como o PLP e o grupo Socialismo Revolucionário (SR), atualmente corrente no PSOL, com o nome de Liberdade, Socialismo e Revolução (**LSR**), igualmente listada abaixo. Em 2006 o **PSTU** integrou a Frente de Esquerda juntamente com o PSOL e o PCB para a campanha presidencial de Heloisa Helena. A coligação obteve 6,5 % dos votos. Nas eleições seguintes o **PSTU** lança-se com Zé Maria e obtém 1% da votação. No campo sindical o **PSTU** tem o controle total da CSP-Conlutas, onde o PSOL tem uma presença de cerca de 10%. No 2º. Congresso Nacional da Conlutas, em 2015, do qual participei, ficou claro que a direção do **PSTU** continua agressiva contra Luciana Genro do PSOL. Num congresso onde tinham 90% dos delegados a direção do **PSTU**, respaldado pelo PCB, agrediu verbalmente a direção do PSOL.

PSOL

O nosso **Partido Socialismo e Liberdade (PSOL)** foi criado em 2004 e registrado no ano seguinte. O PSOL é um partido democrático e socialista que tem como objetivo estratégico construir um novo modelo político e econômico para o país no qual trabalhadores e classes médias decidam e comandem. Em seu funcionamento interno, garante a seus militantes o direito de se organizarem em tendências, para influenciarem o rumo do partido. Assim desde o início diversas correntes trotskistas, oriundas do PT, se juntaram para fundá-lo, permanecendo como frações dentro do PSOL. O PSOL nasce num grande embate de diversos parlamentares do PT que não concordaram com o orientação do partido para votarem a reforma da previdência proposta por Lula em 2003. Desde o início, avisaram que eram contra e assim iriam votar. Foram eles: a senadora Heloísa Helena e os deputados federais Babá, João Fontes e Luciana Genro. Apontavam que a reforma tinha uma proposta privatizante, retirava direitos conquistados historicamente e tinha caráter político distinto daquele sempre defendido pelo PT. No primeiro turno da votação mais outros oito deputados petistas optaram por se abster. Foram eles: pela tendência Democracia Socialista (DS), João Alfredo (CE), Orlando Fantazzini (SP) e Walter Pinheiro (BA); pela Força

De Moreno ao PSOL

Socialista Ivan Valente (SP) e Maninha (DF). Fato seguinte a Executiva Nacional do PT expulsa Heloísa, Babá, Luciana e João Fontes. Chocados com o procedimento do PT outros petistas independentes ou ligados a grupos regionais se desligam voluntariamente do partido como Chico Alencar (RJ), Mauro Passos (SC) e Paulo Rubem Santiago (PE). Este foi o primeiro embate e o comportamento futuro do partido o levou à triste realidade do que ele é hoje (2015), à beira do colapso total com suas alianças espúrias. Uma vez expulsos o CST e o MES rompem com o partido enquanto que a DS de Heloisa Helena, mais moderada e filiada a **SU-QI**, decidiu permanecer. Em setembro de 2005 foi realizada a primeira **Assembleia Nacional Popular e da Esquerda** (ANPE) com 800 delegados. Ao final do ato um grupo de 400 petistas, representantes de movimentos sociais de todo o país, a maioria sindicalistas, realizaram um ato de desfiliação do PT e ingressaram no PSOL. A maioria dos novos militantes eram dissidentes da AE e DS que tinham apoiado a candidatura de Plínio de Arruda Sampaio recém-saído do PT. Ivan Valente da APS também adere ao PSOL.

Nesse mesmo mês a bancada federal do PSOL estava constituída por sete deputados federais e dois senadores e o partido passa a atuar por composição de correntes e pelo não centralismo democrático. Internamente as correntes passam a constituir dois blocos que divergem em muitos pontos: a **Unidade Socialista (US)**, agrupamento que dirige nacionalmente o partido e que aplica políticas mais conservadoras, e o **Bloco de Esquerda (BE)**, agrupamento mais radical e mais à esquerda, que critica fortemente a direção nacional e suas práticas. Assim, dependendo da região do país, o espectro político do PSOL se altera, manifestando-se no discurso, nas práticas e nas alianças.

A evolução do PSOL pode assim ser resumida: nas eleições de 2006 obtivemos 6,5% (4º. lugar) dos votos com a candidatura de Heloisa Helena a presidente e mantivemos uma cadeira no Senado. Em 2008 coligados na Frente de Esquerda (PSOL/PSTU/PCB) em 11 capitais o PSOL teve seus melhores resultados em Fortaleza (5,7%), no Rio de Janeiro (1,8%), em Salvador (3%). Em 2010 conquistamos três deputados federais e um senador e nosso candidato à presidência Plínio de Arruda Sampaio teve 0,87% da votação o que nos deu o 4º. lugar. Em 2012 o PSOL concorreu com destaque em pelo menos 100 cidades. Em 2014 nossa candidata Luciana Genro ficou em terceiro lugar na disputa polarizada entre o PT e o PSDB com 1,55% dos votos.

No movimento sindical algumas correntes internas do PSOL atualmente se organizam na CSP-Conlutas, na Intersindical ou independentes, com destaque para a **LSR** e o MES. No movimento jovem e estudantil, organizam-se também em vários coletivos políticos, como o RUA - Juventude Anticapitalista (Insurgência), Vamos à Luta! (CST), Juntos! (MES), JSOL (APS-CC), Pajeú (APS-NE), Coletivo Domínio Público (Coletivo Primeiro de Maio), Coletivo Construção (**LSR**), entre outros. Quase todos compõem a **Oposição de Esquerda** dentro da UNE, entidade que há anos é dirigida pela União da Juventude Socialista (UJS), movimento juvenil do PCdoB e por seus aliados.

De Moreno ao PSOL

Finalmente um destaque para Fundação Lauro Campos dedicada ao socialismo e à liberdade com o objetivo de fornecer subsídios para que a militância, de forma crítica e aberta, possa enfrentar os debates que ocorrem na sociedade e assim ampliar o alcance das ideias socialistas. A fundação gerencia uma editora para livros e a revista própria.

Externamente o PSOL se alinha e apoia (em 2015) o Bloco de Esquerda (Portugal), o Podemos (Espanha), o Syriza (Grécia), o NPA (França), o Parti Gauche (França), Die Linke (Alemanha) e o PT (Bolívia).

Bloco de Esquerda

Movimento da Esquerda Socialista (MES)

O **Movimento da Esquerda Socialista** (MES) se reivindica de tradição morenista e é onde nos localizamos atualmente. O MES se formou em 1999 (portanto antes do próprio PSOL), a partir da polarização ocorrida na CST, quando se formaram dois grupos: a CST-Maioria, com forte presença no Rio Grande do Sul, e a CST-Minoria com presença marcante no Pará. O CST-Maioria saiu da CST para formar o MES. No final de 2003 o MES sai do PT quando da expulsão de Luciana Genro que era deputada federal. No I Congresso do PSOL (2007) o MES se propôs a criar um amplo leque de alianças para viabilizar a candidatura de Luciana Genro à prefeitura de Porto Alegre. A aliança MES-PP conseguiu atrair a deputada Heloísa Helena, que deixou o Enlace durante o Congresso. Forma-se o grupo, que além do CST e CSOL teve a adesão da **Alternativa Socialista** (AS), oriunda do MES, do **SR**, do **CLS**, oriundo do **MTL**, da corrente **Práxis**⁵⁰, ligada ao **MAS** argentino e dos militantes do **Revolutas**. O grupo, juntamente com o Enlace, controlou 75% dos delegados do primeiro congresso.

Atualmente nossas referências de luta e organização estão em Luciana Genro, Roberto Robaina, Pedro Fuentes e em mais dezenas de quadros que impulsionam nossa corrente.

O texto que segue está disponibilizado no site de Luciana Genro: <http://lucianagenro.com.br/mes/page/2/>.

⁵⁰ O **grupo Práxis** é uma corrente de esquerda, de orientação marxista trotskista, que atuou como tendência no PSOL desde o seu processo de formação. Rechaça o estalinismo e vincula-se a corrente *Socialismo ou Barbárie*, presente em diversos países da América Latina. Em julho de 2008, após a II Conferência Eleitoral do PSOL, o Grupo Práxis rompeu com o PSOL.

Um pouco do que somos e o que defendemos

O PSOL é um partido democrático e socialista que tem como objetivo estratégico construir um novo modelo político e econômico para o país no qual trabalhadores e classes médias decidam e comandem. Em seu funcionamento interno, garante a seus militantes o direito de se organizarem em tendências, agrupamentos internos para influenciar os rumos do partido.

O MES é uma dessas tendências. Surgiu antes mesmo do partido, em 1999, sendo uma das correntes fundadoras do PSOL. Luciana Genro é sua principal porta-voz, e encabeçou a luta contra a traição do PT em 2003, impulsionando, com centenas de outros militantes, o início da construção do novo partido. O MES esteve na linha de frente da coleta das 500 mil assinaturas para legalizar o PSOL.

A construção do MES está ligada à construção do PSOL. Nossa sorte está ligada a sua sorte. Os fracassos do partido e suas debilidades são nossos, assim como seus acertos e progressos. Não fizemos nada sozinhos, mas somos parte fundamental do que foi feito. Passamos pela prova das eleições, rompendo a marginalidade. Temos figuras como Luciana Genro que se converteram em sólidas referências nacionais e polos de poder local. O MES está presente em diversos estados: Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Pará, Pernambuco, São Paulo, Piauí, Alagoas, Roraima, Rondônia, Bahia, Paraíba, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Tocantins, além do Distrito Federal.

Em sua primeira eleição municipal, em 2008, em Porto Alegre foram eleitos vereadores Pedro Ruas, com a segunda maior votação da cidade, e representante da juventude Fernanda Melchionna, dois quadros políticos do PSOL e do MES. Em 2012, essa vitória se repetiu com a mais que duplicação dos votos de Fernanda Melchionna e a eleição de Sandro Pimentel, aguerrido companheiro de Natal, no Rio Grande do Norte.

Como o MES vê o PSOL

Nossa corrente defende que o PSOL precisa se postular como alternativa no terreno da ação direta, em greves, marchas e eleições, ser parte ativa de todas as lutas, divulgando, prestando solidariedade. Esse é um palco privilegiado da construção de uma alternativa e da construção do partido. O PSOL deve se preparar para importantes desafios eleitorais, pois tem ainda pouco peso estrutural, orgânico, uma militância ainda jovem. Mas a localização do partido, sua influência eleitoral em setores sociais – minoritários, mas de massas – deixa claro que podemos cumprir um papel objetivo e mudar a realidade, se atuarmos com vontade política. Devemos nos preparar para intervir em todos os estados, apresentando nosso partido nas ruas e nas eleições.

O papel do PSOL não pode ser contemplativo. O partido necessita se postular como alternativa política. Isso significa se apresentar nas disputas eleitorais com determinação, disputando a influência de massas. Mais do que isso, o partido precisa se apresentar como impulsionador da luta direta, apoiador, incentivador, organizador.

De Moreno ao PSOL

Foi isso que fizemos quando apoiamos a greve dos policiais militares de Roraima, com Luciana Genro indo até o quartel, junto com nossos dirigentes do partido tanto no Estado quanto da Executiva Nacional. Eles militaram para garantir a solidariedade a uma greve com aquartelamento que pautou a situação política local durante todo o mês de abril de 2009. Uma greve fundamental, que foi boicotada pela mídia, dirigida por camaradas filiados ao partido, expressão de que, embora a situação política nacional não seja pautada pelo ascenso, apresenta importantes conflitos de classe no qual o partido pode e deve jogar um papel. Mas é preciso que esse tipo de participação seja muito mais forte e envolva o conjunto do partido e de sua direção. Podem acontecer muitos outros Roraimas.

O papel de um sujeito político revolucionário, de um partido que queira transformar a realidade radicalmente não pode se limitar a acompanhar os movimentos sociais. Apoiar os movimentos é o mínimo, mas o partido deve ir além. Deve também se postular como elo de lutas diversas e, hoje, dispersas, algumas organizadas, mas a maioria com componentes explosivos, populares, de bairros, de cidades, sem conexão entre si, na maioria das vezes distantes das superestruturas atuais, burocráticas e acomodadas demais, como a CUT, ou pequenas, pouco representativas. Ser o elo entre as ações de classe não é tarefa fácil. Mas é uma tarefa determinante e um desafio estratégico, um objetivo a ser perseguido nos próximos anos. O partido deve ser protagonista e, enquanto sujeito político, contribuir na construção da identidade do sujeito social, como liga e impulso para que os trabalhadores e as classes médias empobrecidas defendam e lutem por seus interesses. Deve fazer isso sempre movido por uma estratégia de luta contra o poder burguês e em defesa de um novo modelo político e econômico alternativo para o país. A defesa desse novo modelo significa ter propostas claras em defesa de medidas democráticas e contra a corrupção; e medidas econômicas e sociais que façam com que não sejam os trabalhadores os que paguem a conta da crise econômica que se abate sobre o país.

Assim, consideramos totalmente improdutiva as discussões que tentam construir uma falsa polêmica entre aqueles que supostamente defendem a luta contra a corrupção como eixo contra aqueles que defendem o enfrentamento à crise econômica. O partido deve adotar uma política nacional global, que seja cruzada pela necessidade de uma proposta de emergência diante da crise e que ao mesmo tempo assuma a defesa de bandeiras democráticas radicais, dentre as quais, a luta contra a corrupção tem grande relevância. Essa é a posição do MES.

No Rio Grande do Sul, o PSOL tem dado um exemplo de como se combina a luta social e econômica com a luta contra a corrupção. Não faremos uma lista de exemplos, mas citaremos apenas um: as denúncias de corrupção feitas pelo PSOL contra o governo do PSDB. Em 19 de fevereiro de 2009, apresentamos as denúncias de roubos realizados pela própria governadora Yeda Crusius. O partido foi para o centro do ringue. A conjuntura do Estado ganhou uma enorme ebulição e o governo escorregou na crise. O partido ganhou popularidade e o movimento social ganhou um fôlego fundamental no combate à governadora. O Cpers, principal sindicato do

De Moreno ao PSOL

Estado, que vinha também combatendo a política do governo, ganhou ar para atuar melhor. O partido foi acusado pela mídia burguesa de acusar sem provas. Mas uma parte do povo se manteve firme, acreditando no PSOL e em suas denúncias. O Cpers seguiu firme na campanha do Fora Yeda, sendo o principal lastro social do partido. O governo do Estado, por sua vez, preparava ataques ao plano de carreira dos professores e funcionários de escolas para obrigar o sindicato a mudar de pauta.

Em seguida, as denúncias do PSOL foram confirmadas pela edição de 8 de maio de 2009 da revista Veja, mostrando gravações, algumas expressando o mesmo conteúdo das denúncias do PSOL. Todos tiveram que reconhecer esse fato, o governo estadual mergulhou na crise e os movimentos sociais, em particular o principal sindicato do Estado, também obtiveram uma importante vitória, também econômica: com a crise do governo, não há chance de aprovarem o plano de carreira e assim se confirma o acerto do Cpers em ter assumido a luta pelo Fora Yeda (tendo como argumento central a corrupção no governo) como centro de suas reivindicações. A conclusão é óbvia: a luta do partido contra a corrupção não apenas o postula, mas também contribui e representa um ponto de apoio aos movimentos sociais e à luta contra os ataques ao seu nível de vida.

Nossa corrente, portanto, defende a unidade de ação do PSOL para que todos juntos postulemos o partido como uma alternativa capaz de organizar a vanguarda lutadora e disputar influência de massas, passos sem os quais não se pode pensar seriamente em alcançar o principal objetivo programático do PSOL em sua fundação: a conquista de um governo dos trabalhadores e do povo. Ao mesmo tempo, enfatiza que necessitamos nos fortalecer como um partido de ação. A crise não nos permite pausas. Nos obriga a aparecer ante às massas de maneira sistemática, todos os dias, com propostas para enfrentar a crise e a regime.

Elementos da posição do MES sobre a estratégia da esquerda

Reivindicado o objetivo da construção de uma sociedade cujo homem não seja o lobo do próprio homem, não há como pensar seriamente na conquista desse objetivo sem a elaboração de uma estratégia. E a estratégia não se realiza sem a combinação de uma série de táticas. São essas questões que ocupam ao longo das décadas o debate entre reformistas e revolucionários.

Sempre tensionado por esse conflito, o PT não conseguiu resolver corretamente essas questões do ponto de vista da revolução. A posição reformista, majoritária no núcleo de direção partidária, acabou se impondo com cada vez mais força. De partido da classe trabalhadora com forte influência política, teórica, cultural e socialista, converteu-se num partido da ordem, defensor do capitalismo. Cada vez mais abertamente reformista, terminou defendendo o reformismo sem reformas. Foi a experiência de um projeto que se converteu em seu contrário.

Pretender esgotar a maneira como se desenvolveu esse processo seria muita pretensão. Há razões que, de qualquer forma, saltam à vista. As bases objetivas dessas

De Moreno ao PSOL

transformações podem ser encontradas no longo refluxo dos anos 90, na ascensão do neoliberalismo, com a reestruturação produtiva, debilitamento do movimento operário industrial no Brasil, tudo isso na esteira da queda do muro de Berlim e na quebra das esperanças de milhões de pessoas no mundo todo, na perspectiva de superação do capitalismo. Tudo isso pesou fundo. São razões objetivas, porém não explicam tudo. O PT teve uma base teórica equivocada num ponto pouco discutido, e que deve ser encarado para que se extraiam conclusões de uma experiência que não se pode negar como repleta de lições. Vejamos passo a passo.

O PT partiu de uma definição certa: a importância das eleições no Brasil desde sua fundação até os dias atuais. Em particular, desde 1989 a disputa presidencial tem sido, aos olhos do movimento de massas, o momento mais importante – a rigor, apenas nesses períodos isso ocorreu na história recente do país – de disputa em que a questão do poder está colocada. O PT adotou as eleições como prioridade de sua atuação. Mas dessa decisão resolveu mal um problema determinante: a relação entre as eleições e a insurreição ou a força física das classes em confronto.

Se no início o PT pôde realizar a combinação entre os movimentos sociais e a participação eleitoral, onde então esteve o equívoco político e teórico que permitiu mudanças tão bruscas em relativamente tão pouco tempo? Há alguma relação entre as formulações históricas do PT e sua política após assumir o governo? Seguindo na mesma pista, visualiza-se um elemento de continuidade entre a origem do PT e seu curso atual, mostrando a evolução do partido. Sua ruptura com o seu passado, assim, encontraria uma explicação teórica num ponto de continuidade para que o partido esteja atravessando o rubicão, para usar a mesma expressão de Lênin referindo-se ao dirigente alemão Karl Kautsky. Sua base também está na vacilação acerca da natureza do Estado, vacilação presente desde o início na vida do PT.

Já no manifesto de fundação do PT, de fevereiro de 1980, afirmava-se que “o país só será efetivamente independente quando o Estado for dirigido pelas massas trabalhadoras. É preciso que o Estado se torne a expressão da sociedade, o que só será possível quando se criarem as condições de livre intervenção dos trabalhadores nas decisões de seus rumos. Por isso, o PT pretende chegar ao governo e à direção do Estado para realizar uma política democrática...”

Parece uma questão menor, sem importância, mas não é. Sobre essa definição está a base da confusão, ou melhor, do “desvio” que já embutia uma acomodação do PT no regime político democrático-burguês. Quer dizer, o objetivo do partido foi desde o início a mudança do Estado, não sua destruição, como Marx, Engels e Lênin definiam a tarefa estratégica dos revolucionários. Ficava evidente que o partido adotava uma estratégia que não percebia o Estado como expressão da sociedade na qual a burguesia é a classe dominante, de tal forma que a derrota desse Estado, avalista e garantia do domínio burguês, era necessário para derrotar a dominação de classe. E para mudar o Estado, a utilização da cédula eleitoral pode ser suficiente.

De Moreno ao PSOL

Mesmo no V Encontro Nacional do PT realizado em 1987, momento em que teoricamente as posições partidárias estiveram mais próximas de uma estratégia socialista, a confusão também esteve evidenciada. Na análise da correlação de forças entre as classes, as teses aprovadas sustentavam que não existia nenhuma possibilidade de uma crise revolucionária no país, descartando, portanto, a luta pelo poder dos trabalhadores como tarefa do período. Contraditoriamente, as teses assumiam a possibilidade do PT chegar ao governo pela via eleitoral e, desde o governo, aplicar seu programa de ruptura com o capitalismo. Do ponto de vista político, isso foi a essência do que mais tarde ficou conhecido como programa democrático e popular.

Assim, o partido assumia como possível a aplicação de um programa de ruptura com o capitalismo aplicado por um governo eleito nos limites do regime democrático burguês e descartando, apesar disso, a eclosão de uma crise revolucionária. A hipótese de vitória eleitoral de Lula de fato esteve colocada em 1989, e o programa continha medidas de ruptura com o capitalismo dependente e subdesenvolvido. Mas tal hipótese não implicaria, necessariamente, na tentativa de aplicar tal programa, porque não estava garantido que uma vitória de Lula significaria de fato a aplicação do programa de ruptura. O compromisso de Lula nunca foi seguro. Em segundo lugar, caso Lula tratasse de aplicar o programa petista de 1987, ou mesmo o apresentado na campanha de 1989, as classes dominantes renunciariam o terreno legal, e a arma da disputa entre as classes estaria distante de resumir-se à utilização da cédula eleitoral. Estaríamos diante da realização da hipótese tática da II Internacional, avalizada por Engels, antes do giro do oportunista.

Logo, ou a perspectiva da crise revolucionária e da luta revolucionária pelo poder estaria colocada como tarefa presente, mesmo que fosse logo após as eleições, com a burguesia rompendo sua própria legalidade, ou o programa do V Encontro não sairia do papel, do terreno das intenções declaradas nos debates partidários. Em ambos os casos, estaria confirmada a posição marxista acerca da impossibilidade de uma transformação radical da sociedade sem o enfrentamento violento com as classes dominantes, sem o enfrentamento contra o Estado burguês e, portanto, sem situação ou crise revolucionária, por mais que as eleições pudessem jogar um papel de primeira ordem na tática da disputa. Dessa armação contraditória – impossibilidade de crise revolucionária e a possibilidade de aplicação de um programa de ruptura, anticapitalista, pela via eleitoral -, fortaleceram-se as ilusões constitucionais, a ideia de viabilidade de mudanças profundas com a mera vitória eleitoral.

No caso concreto, a maioria da direção do PT, ao defender a estratégia de mudar o Estado, não de derrotá-lo, acabou mantendo-se nos limites da ordem capitalista. Vendo as questões mais de perto, cabe ver o que Lukács dizia sobre esse tema. “A grande diferença entre marxistas revolucionários e oportunistas pseudomarxistas, é que os primeiros consideram o Estado capitalista exclusivamente como fator de poder contra o qual há que mobilizar a força do proletariado organizado, ao passo que os segundos concebem o Estado como uma instituição acima das classes, cuja conquista

De Moreno ao PSOL

é o objetivo da luta de classes do proletariado e da burguesia. Mas ao conceber o Estado como objetivo do combate e não como adversário na luta, estes últimos colocam-se já, em espírito, no terreno da burguesia: têm assim a batalha meio perdida antes mesmo de a terem começado. Com efeito, toda a ordem estatal é jurídica (a ordem capitalista mais que todas), se baseia, em última análise, no fato de que sua existência e a validade de suas regras não levantem nenhum problema e sejam aceitos como tais.” (História e consciência de classe, 1974, p. 243) Ainda segundo Lukács, a transgressão dessas regras, em casos particulares, não acarreta em qualquer perigo especial para a manutenção do Estado.

Vale uma última palavra sobre a relação entre eleições, programa e confronto social. A experiência da América Latina tem demonstrado que se pode ganhar eleições e promover profundas mudanças no Estado de natureza progressista. Em geral, não chegam a destruir o Estado burguês e construir um Estado democrático de novo tipo. Mas mudam questões fundamentais e, pelo menos nas experiências concretas de Venezuela, Equador e Bolívia, conquistam regimes políticos qualitativamente mais avançados. Concretamente, todos esses países se tornaram independentes do imperialismo. Mas se iludem aqueles que acreditam que essas mudanças se deram pela mera utilização da cédula eleitoral. Não há como explicar o fenômeno do chavismo sem o Caracazo, levante popular que produziu um trauma social, com mais de 4 mil mortos. Desde 1989, as massas populares do país caribenho lutaram para dar o troco nas classes dominantes. A vitória eleitoral de Hugo Chávez foi produto direto desse ascenso sustentado ao longo de uma década. No Equador, ocorreram várias insurreições antes da vitória de Rafael Correa. Na Bolívia, também antes de vencer nas urnas, os camponeses, populares e mineiros venceram nas ruas a repressão do regime burguês. Ou seja, nesses países os processos eleitorais foram fundamentais, mas se combinaram com fortes lutas sociais, com ação direta e confrontos. Todos eles atravessaram situações e crises revolucionárias. Para isso que devem se preparar todos os que almejam reais mudanças também no Brasil.

Qualquer outra perspectiva significa desconhecer a natureza das reações contra as mudanças políticas substanciais. Significa atribuir um caráter pacifista e reformista para a chamada tática do desgaste da II Internacional, estruturalmente muito difícil de ser realizada em nosso país, com pouquíssima tradição de democracia burguesa e, sobretudo, com alto grau de violência social e política, esta promovida pelas classes dominantes. A possibilidade aberta em 1989 foi uma exceção, desdobramento do desconcerto burguês diante da crise da superinflação e do desgaste da Nova República. Uma surpresa para todos. Uma situação similar não pode ser descartada no futuro. Mas trabalhar por essa hipótese, para que de fato seja exitosa, significa trabalhar para que o movimento de massas tenha capacidade de resposta e de ofensiva no terreno da força social, política e militar.

O programa democrático e popular no seu aspecto político terminou assumindo uma posição etapista. Seu grave erro foi desconsiderar duas questões determinantes: a) somente poderosas lutas sociais, confrontos de classe e o poder dos trabalhadores

De Moreno ao PSOL

podem realizar um plano de emergência popular; b) a burguesia é opositora radical desse programa. Por isso é preciso preparar-se para os confrontos inevitáveis antes, durante e depois da conquista do poder dos trabalhadores.

Tendo essa questão clara, pode-se atuar aplicando todas as táticas, inclusive hierarquizando a disputa eleitoral presidencial como uma prioridade da política partidária. Tal hierarquia, com a compreensão marxista da relação entre as eleições e a necessidade da força social física das classes trabalhadoras como condição indispensável para a vitória e, sobretudo, para a aplicação de um real programa democrático e anticapitalista, reafirma, e não debilita nem desvia da estratégia central e permanente dos marxistas revolucionários, a defesa da mobilização de massas para construir outro regime político. Um regime de natureza democrática, controlado pela população, cujo poder econômico não domine o político e, portanto, sofra uma forte intervenção pública numa transição de uma economia de mercado para uma economia social, a serviço da maioria da população.

Até o final de 2006 o MES referenciava-se internacionalmente na corrente **Movimento** com quem publicava a revista **Movimento**. A partir de 2007 passa a publicar, com outras organizações internacionais, a revista **América**. Atualmente o MES atua no movimento sindical através da central CSP-Conlutas (controlada pelo **PSTU**), onde é minoritário. Também integra a corrente internacional Movimento Anti-imperialista e Anticapitalista, agrupamento que é observador no **SU-QI**.

Coletivo Socialismo e Liberdade (CSOL)

O **Coletivo Socialismo e Liberdade (CSOL)**, corrente do PSOL desde 2003, se organiza no **Campo Debate Socialista (CDS)**, desde 2007, e se define como “*uma organização revolucionária marxista que defende o materialismo histórico, a concepção marxista de Estado, a necessidade da revolução socialista internacional, a luta contra todo tipo de burocracia, a defesa da democracia operária e das reivindicações transitórias na atual época imperialista, de decadência da sociedade capitalista.*”. A CSOL é proveniente do MCS tendo participado do PT como corrente até sua expulsão quando então entraram no **PSTU**. O CSOL sempre se opôs “*à estratégia institucional concretizada no Programa Democrático-Popular do PT, negando a estratégia de acumular forças pela tomada de posições dentro do Estado, concepção que levou à falência do PT como instrumento de transformação social.*” O CSOL surgiu em 2003 quando seus militantes decidiram romper com o **PSTU** por divergências com posições desse partido relacionadas com a aplicabilidade na conjuntura histórica da época. Não concordavam também com a concepção do PSOL e seus posicionamentos quando colocavam críticas ao monolitismo e ao sectarismo. Não aceitavam a concepção de “*um programa revolucionário acabado e imutável, [que] acabam por transformar a construção do partido num fim em si mesmo, mais importante mesmo que a própria revolução.* (...) Nesse sentido, o CSOL combatia e combate firmemente a separação entre ação política e lutas econômicas e/ou

De Moreno ao PSOL

setoriais. Para o CSOL, os trabalhadores não devem se organizar em um partido político revolucionário e centralizado, conforme estabelecia o modelo centralizado leninista, mas sim em um partido de correntes diversas, com revolucionários e reformistas (...). Para o CSOL o mais importante é a aglutinação dos setores mais a esquerda. No CDS se organiza juntamente com outros agrupamentos e militantes individuais “que compartilham a compreensão da necessidade de estabelecer no partido e no movimento de massas a batalha ideológica saudável pelo resgate da concepção revolucionária e socialista”. Desde 2011 o CSOL é observador permanente na SU-QI.” Publica a revista Debate Socialista. Suas principais lideranças são o deputado estadual de São Paulo Raul Marcelo e Hamilton Assis.

Enlace

O **Enlace** é um reagrupamento de militantes trotskistas oriundos de diferentes coletivos como **Liberdade e Revolução**, o **Movimento de Unidade Socialista** (MUS) e dissidências da **Democracia Socialista**, da **Articulação de Esquerda** e do **Fórum Socialista** do PT. Foi fundado em 2005 no reagrupamento de organizações que haviam rompido com o PT, quando da expulsão da Senadora Heloisa Helena (DS) e de outros grupos que optaram pela construção do PSOL durante o primeiro mandato do Governo Lula. No I Congresso do PSOL (2007), o Enlace não fez coligação de chapa para a votação de direção do partido e perdeu as eleições. No II Congresso (2009), o Enlace uniu-se à APS de Ivan Valente e dessa vez obtiveram a direção do partido. Nas eleições de 2010 surgiu uma divergência entre a direção nacional do Enlace e os militantes do Rio Grande do Sul, após a decisão do MES (corrente que dirige o PSOL-RS) de abrir mão de um dos dois candidatos a senador pelo partido, para apoiar o candidato Paulo Paim do PT. O Enlace gaúcho votou à favor da decisão, contrariando a direção nacional da corrente, que se manifestara contra e os desautorizou. No ano seguinte o setor rompe com o Enlace, assinando uma tese individualmente para o congresso do PSOL. *“Isso se dá, principalmente, pelo fato do Enlace deixar de apoiar a APS (maioria da direção do partido) por causa das políticas que visavam transformar a sigla em um partido de massas e popular, não buscando atuar somente para o trabalhador, mas também com ele. O MUS, discordou do resto do Enlace e rompeu com ele, continuando (junto à corrente TLS) unido à APS, compondo uma chapa no congresso e vencendo novamente.”* O Enlace publica a revista eletrônica **Marxismo Revolucionário Atual**. As principais lideranças são: Renato Roseno e o vereador de Fortaleza João Alfredo.

Insurgência

A **Insurgência** se formou a partir do **Coletivo Socialismo e Liberdade** (CSOL), que havia rompido com o **PSTU** e com o **morenismo** em 2003; Em sua fundação participou também o **Coletivo Luta Vermelha** (CLV-SU-QI). Em 2012, o CSOL

De Moreno ao PSOL

passou por um rompimento que originou o **Coletivo Resistência Socialista** (CRS). Em 2013 se aproximaram de Ernest Mandel e da corrente **Enlace** e mais recentemente o CSOL e o Enlace, juntamente com o **Coletivo Luta Vermelha** (grupo regional do Distrito Federal) se fundiram formando uma nova tendência, a **Insurgência**, que é membro do **SU-QI** e fração no PSOL. A direção da Insurgência declara que estão *“abertos à construção unitária do partido, sem sectarismos, hegemonismos, agressões físicas ou morais. Viva o PSOL e sua diversidade socialista!”*. Acrescentam que: *“A Insurgência é constituída por militantes do PSOL que, reivindicando-se do marxismo revolucionário, têm como objetivo central a superação por via revolucionária do capitalismo e a construção de uma sociedade ecossocialista e libertária – entendida como a primeira fase da verdadeira emancipação humana, a sociedade comunista.”* Dentre seus principais quadros está Marcos Mendes. Publicam a revista *“À Esquerda”*.

Frente de Oposição Socialista (FOS)

A Frente de Oposição Socialista (FOS) foi criada no final de 2006 em São Paulo reivindicando um centralismo democrático de funcionamento. A corrente atualmente integra o PSOL, está filiada à **UIT-QI**, e coloca que: *“Nossa concepção de realidade é baseada no materialismo histórico e dialético cuja principal matriz teórica é o marxismo. A FOS é uma organização política que atua no movimento sindical e no movimento social. Está aberta à participação nessas formas de organização de luta. Defendemos a luta anticapitalista (...) rechaçamos a sociedade capitalista(...).”* Em fins de 2009 aderiram ao **Unidos para Lutar**, uma corrente interna da CONLUTAS, com a seguinte declaração: *“procurando pautar suas ações políticas sob base da democracia operária, da total independência do organismo da classe trabalhadora dos patrões e governos e sob a ótica do internacionalismo operário, em seminário realizado em dezembro de 2009, deliberou pela entrada na frente sindical “Unidos pra Lutar” setor com o qual nos identificamos pelos princípios e práticas políticas e conformamos um bloco no interior da entidade.”* Em 2014 fizeram campanha pelo voto nulo no segundo turno das eleições declarando que frente a Aécio Neves e Dilma Rousseff: *“Não podemos apoiar nenhuma dessas duas candidaturas, porque não representam os trabalhadores desse país e vão continuar a ofensiva de retirada de seus direitos, nesse sentido chamamos todos trabalhadores e trabalhadoras anularem o voto nesse segundo turno! Entre os patrões e governos representados nessas duas candidaturas, fiquemos com os trabalhadores! VOTO NULO!”*. Dentre suas principais lideranças está Silvana Soares de Assis.

Liberdade, Socialismo, Revolução (LSR)

A tendência **Liberdade, Socialismo, Revolução** foi organizada em 1968 na França e atualmente forma é uma corrente trotskista do PSOL no Bloco de Esquerda, proveniente do **PSTU**. É proveniente da fusão das tendências **Socialismo**

De Moreno ao PSOL

Revolucionário (SR) e Coletivo Liberdade Socialista (CSL). A **LSR** é a seção brasileira do **Comitê por uma Internacional dos Trabalhadores (CIT)**⁵¹. O **LSR** está integrado no **Bloco de Resistência Socialista (BRS)**, juntamente com o **Grupo de Ação Socialista (GAS)**, o **Terra Livre - Campo e Cidade** e o **Reage Socialista (RS)**. A **LSR** publica o jornal **Ofensiva Socialista**.

Grupo de Ação Socialista (GAS)

O Grupo de Ação Socialista (GAS) se organiza como corrente do PSOL e está integrado no Bloco de Resistência Socialista (BRS), juntamente com, o Movimento Popular Terra Livre - Campo e Cidade e o Liberdade, Socialismo, Revolução (**LSR**) e o Reage Socialista. Parte de seus militantes integrava o **PSTU** até 2008 quando romperam com o partido por discordar da prática política e dos métodos antidemocráticos que fracionaram o **PSTU** no Rio Grande do Norte, culminando com a expulsão de alguns de seus militantes e o rompimento definitivo. Nessa conjuntura se forma o GAS para que não houvesse dispersão da militância e para continuar o projeto de construção de um partido revolucionário. O grupo sofreu uma cisão e alguns militantes se filiaram como corrente no PSOL.

Terra Livre – Campo e Cidade (TL-CC)

O Terra Livre – Campo e Cidade foi fundado em 2008 e “se consolida como mais uma organização popular que continua resistindo e lutando, ao lado de todos os que não se integraram, não se deixaram cooptar, nem se venderam. Apresentamos o Manifesto do Congresso Terra Livre que apresenta nosso acúmulo político, forjado nas experiências concretas de luta e ação direta do povo pobre”. No site do movimento não há menção ao PSOL. Em seu primeiro congresso (2011, Brazabantes/GO) o Terra Livre assim se colocava: “Foi um momento único para reunir a militância, que está na luta cotidiana por terra, por moradia e por um mundo socialista. Discutimos as questões políticas mais importantes da nossa luta e da conjuntura, melhoramos nossa organização e recuperamos nossa força para enfrentar a realidade das injustiças impostas pelo poder.” O TL-CC está integrado no Bloco de Resistência Socialista (BRS), juntamente com o Grupo de Ação Socialista (GAS), o Liberdade, Socialismo, Revolução (**LSR**) e o Reage Socialista (RS). Estão presentes em sete estados onde lutam “pela reforma agrária, pela reforma urbana e pela produção sob o controle dos trabalhadores.”

Reage Socialista (RS)

O grupo Reage Socialista está integrado no Bloco de Resistência Socialista (BRS), juntamente com o Grupo de Ação Socialista (GAS), Terra Livre - Campo e Cidade; e

⁵¹ O **Comitê por uma Internacional dos Trabalhadores (CIT-QI)** até 2009 era o **Comitê por uma Internacional Operária (CIO)**.

De Moreno ao PSOL

o Liberdade, Socialismo, Revolução (LSR). Não localizei menção do grupo com relação ao PSOL.

Movimento Terra, Trabalho e Liberdade (MTL)

Há uma confusão nas siglas do MTL e assim, o que segue pode conter algum erro. O **Movimento Terra, Trabalho e Liberdade (MTL)** foi formado em 2002, pela união do **Movimento de Luta Socialista (MLS)**, oriundo de um grupo de militantes do **PSTU** que havia se unido ao **Movimento de Libertação dos Sem-Terra de Luta (MLST de Luta)**, uma dissidência do **Movimento de Libertação dos Trabalhadores Sem Terra (MLTST)** constituído por lideranças rurais, agentes pastorais e assessores da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e o Movimento dos Trabalhadores (MT). O MTL atua, basicamente, no Triângulo Mineiro e Sudoeste de Goiás. O MTL assim se define: *“somos um movimento autônomo e independente, de massa socialista democrático e plural inserido no campo e na cidade que organiza trabalhadores, por terra, moradia e vida digna.”*. Reafirmam que: *“apresentam à sociedade brasileira, em especial aos movimentos e organizações que lutam pela emancipação política e econômica dos trabalhadores, os pressupostos básicos que possibilitaram o surgimento de mais este instrumento de luta do povo brasileiro.”* Em 2008 os militantes de quatro estados (CE, MG, GO, SP) do MTL se reorganizaram sob uma nova sigla MTL-DI com o nome **Terra Viva**, onde afirmam que *“Continuamos a tentar fortalecer a nossa classe, reorganizando suas lutas e a unificando, por um mundo socialista.”* Por volta de 2009, entre suas principais lideranças estavam: João Batista que é membro da Coordenação Nacional do MTL, presidente do PSOL no estado de Minas Gerais e membro do Diretório Nacional do Partido; Marilda Ribeiro é também da Coordenação Nacional do MTL e membro do Diretório Nacional do PSOL, Dim Cabral que é membro da Coordenação Estadual do MTL/MG e membro da executiva estadual do PSOL/MG. Em 2015 o companheiro Dim assim me descreveu resumidamente a história deles: *“Aqui no triângulo mineiro começou a luta pela terra com a CPT aí surgiu o MST, MLT e outros; nós nos constituímos como movimento social com a fundação do MLST nos anos 1999. Nos anos 2000 houve um racha no MLST e aí fundamos o MTL com os seguintes grupos MT do Pernambuco, MLS de Goiás e MLST DE LUTAS que somos nos e aí o MTL esse grupo de esquerda que, com o rompimento de Luciana Genro, Baba, João Fontes e Heloisa Helena, entramos na construção do (...)PSOL. O nosso grupo tem uma atuação mais contundente na luta pela terra aqui no triângulo mineiro temos 32 assentamento constituídos. Estamos na luta no Movimento e no PSOL”*. Em 2012, com críticas *“ao processo de moderação”, importantes lideranças do RJ e ES rompem com a tendência. “Após as denúncias de retenção de verbas de assessores contra uma parlamentar do PSOL-RJ, o MTL dissolveu-se, tendo parte de seus integrantes aderido a Rede Sustentabilidade [de Marina Silva]”*.

Poder Popular (PP)

De Moreno ao PSOL

O grupo **Poder Popular**: Surge em 2006, a partir de uma articulação entre dirigentes e militantes oriundos do MTL. A maior parte destes militantes participou do PSOL desde a sua fundação. No início de 2006, durante o período pré-congressual do PSOL, apresentaram documento em que se denominavam **Movimento por uma Nova Tendência**. O Poder Popular teve origem remota no **Partido da Libertação Proletária**⁵² que existiu entre 1989-1992. Anos mais tarde, no início da década de 2000, inúmeros ex-integrantes do CGB/PFS (Coletivo Gregório Bezerra – Partido da Frente Socialista) - entre os quais se destaca Martiniano Cavalcante - abandonam o PSTU, e colaboram para a formação do MLS que, por seu turno, contribuiu para a formação do MTTL da tendência Poder Popular do PSOL

Alternativa Socialista (AS)

Em 2011 por divergências durante a Campanha de Luciana Genro a **Alternativa Socialista (RS)** se desliga do MES e juntamente com o **Coletivo Marxista Revolucionário Paulo Romão (RJ)** decidem por unificar ambas as correntes em um novo agrupamento político, denominado “Construção Socialista –(CS) onde lutavam pela “reorganização da Esquerda Socialista Brasileira.””. Nessa ocasião decidiram se retirar também do PSOL expondo que: “*A conferência da CS definiu também pela nossa saída do PSOL, partido que ajudamos a construir, mas que avaliamos não ser mais o espaço para disputarmos o programa e a concepção de partido que defendemos.*”. Posteriormente a CS retorna ao PSOL.

Coletivo Rosa do Povo veja Coletivo Primeiro de Maio

Construção Socialista (CS)

Como vimos acima a CS surge em 2011 e simultaneamente se retiram do PSOL com a declaração de que: “Estamos saindo do PSOL com a tranquilidade de quem, durante seis anos, não mediu esforços para construir o partido. Disputamos todos os espaços, elegemos delegados para os congressos, ocupamos postos na direção e nunca tivemos política de desgastar os dirigentes e, muito menos, as figuras públicas.” As maiores críticas centravam na não adesão plena do PSOL ao Conlutas e mesmo a ausência do partido na luta sindical. Por isso declaravam que “(...), a CS continuará totalmente a serviço do fortalecimento da CSP-CONLUTAS e da ANEL” Criticavam igualmente as decisões de financiamento de campanhas nas eleições. Posteriormente retornaram ao PSOL e atualmente estão como corrente integrando o Bloco de Esquerda.

⁵² PLP - Partido Marxista entre 1989-92 proveniente do Coletivo Gregório Bezerra (CGB). A partir de 1992 integra-se na Frente Revolucionária (FR) articulação da Convergência Socialista que havia sido expulsa do PT. Na FR o CGB-PLP obtém registro e passa a constituir o Partido da Frente Socialista (PFS) que atuou apenas em 92.

Coletivo Revolutas

O **Coletivo Revolutas** se define como anticapitalista, socialista e libertário da **Tendência Socialista Internacional (TSI/IST)** no Brasil, tendência interna do PSOL.

Coletivo Primeiro de Maio

O **Coletivo Primeiro de Maio**, é uma corrente que se formou no próprio no PSOL e anteriormente era chamada de **Coletivo Rosa do Povo**. A corrente existe majoritariamente no estado de São Paulo, principalmente em Sorocaba e Campinas. Tem atuação no DCE e no sindicato dos funcionários da UNICAMP e também na área da saúde. Suas principais lideranças são o ex-deputado Raul Marcelo e em Campinas Mariana Conti. No movimento sindical não está filiada a uma central e apenas atua na corrente **Vamos à Luta**. No movimento estudantil, se organizam no coletivo **Domínio Público**. Internamente no PSOL o **Primeiro de Maio** integra o Bloco de Esquerda que se opõe à Unidade Socialista (US). Durante o IV Congresso do partido, a corrente apoiou, junto com outras forças políticas do BE, o nome de Luciana Genro como pré-candidata à presidência da república, em contraposição ao nome do senador Randolfe da US. Após a vitória da US, o 1º de Maio, assim como o MES, passam a aceitar o nome de Randolfe que, como sabemos, meses depois desistiu da pré-candidatura).

Frente Estopim Comunista (FEC)

A **Frente Estopim Comunista (FEC)** organiza-se, enquanto corrente do PSOL principalmente em Guarulhos (SP) aparentemente pelo Fórum Social de Guarulhos e com o MST (2013). Em 2011 se denominava **Frente Estopim Popular – Exército do Povo (FEC-EP)**. No campo de atuação agem pela legalização da maconha e contra a violência contra jovens negros e de periferia. Afirnam: *“Não à política de drogas implantada no Brasil, política esta que resulta no genocídio da juventude negra principalmente das favelas e periferias: É a juventude negra que encabeça a lista de extermínio da Polícia Militar que usa da “Guerra às drogas” para propagar racismo, perseguição e chacina nas comunidades como justificativa de combate ao tráfico. Embora seja óbvio que parte das elites brasileiras brancas estejam ligadas ao comércio ilegal de drogas, são jovens pobres e pretxs xs que são mortxs e encarceradx como principais alvos desta política que serve, na realidade, de máscara para o processo de criminalização da pobreza e da população negra.”* Declaram também (2011) que: *“Seguimos uma tendência internacional de Ocupações realizadas pelos movimentos anticapitalistas que ocuparam praças, ruas, prédios, universidades e escolas por muitos países do mundo, em destaque na Espanha, Egito, Portugal, Inglaterra, Itália, EUA, Chile e São Paulo. Apoiamos o movimento Ocupa Sampa e realizamos aqui em Guarulhos o que chamamos de Ocupa a Periferia.”*

Coletivo Socialista de Pernambuco (liderado pelo deputado Edilson Silva PSOL-PE)

Campo do Debate Socialista veja em Coletivo Socialismo e Liberdade (CSOL)

Unidade Socialista

Fortalecer o PSOL

Fortalecer o PSOL é uma tendência do PSOL que se integra atualmente no campo da US criada em 2013 e oriunda da Convergência Socialista, da CST e do MES. O Fortalecer se organizou a partir do **Movimento de Unidade Socialista** (MUS) que se formara no início dos anos 2000 quando ainda integrava o PT. O MUS havia se formado por haver divergências com o MES quanto à saída do PT em 2003. Colocavam que ainda deveriam permanecer no PT, enquanto que o MES defendia a saída. Com a criação do PSOL em 2004, o MUS juntou-se com cisões de correntes da esquerda petista, a saber, a **Democracia Socialista (DS)**⁵³ e a **Articulação de Esquerda (AE)** para compor o agrupamento **Enlace** que por sua vez passa a atuar no PSOL. Colocam que na prática nunca havia acontecido uma fusão completa o que contribuiu para que, mais tarde, os grupos se separassem. Já fora do **Enlace**, o antigo MUS passa a se chamar de **Fortalecer o PSOL** (nome que provem do título da sua tese ao III Congresso do PSOL). Em 2013 no IV Congresso do PSOL o Fortalecer juntou-se com a APS e com outros agrupamentos que assinaram a tese "Unidade Socialista por um PSOL Popular", que constitui a atual direção partidária. Ao final do Congresso, o campo **Unidade Socialista** vence o **Bloco de Esquerda (BE)**. No movimento sindical o **Fortalecer** organiza-se na central **Intersindical** e no movimento estudantil organiza-se como **Movimento Contestação**. Seus principais dirigentes são, Bernadete Menezes, Pimenta de Rondônia, Arlei Medeiros de Campinas, Procurador Mauro e Gilberto Maringoni.

⁵³ **Democracia Socialista** é uma organização política marxista brasileira que existiu como agrupamento político independente até 1986, quando então se transforma em tendência política interna do PT. A DS em alguma época foi a maior ala radical do partido e era quem abrigava Heloisa Helena. Edita o jornal **Democracia Socialista - Em Tempo**, publicação do Instituto de Comunicação, Estudos e Formação Isaac Akcelrud.

Ação Popular Socialista (APS)⁵⁴

A Ação Popular Socialista (APS) surgiu em Brasília em 2004. É resultado da unificação entre a Força Socialista (FS), fundada em 1989 e então tendência do PT nacionalmente estruturada, e um conjunto de outras organizações e militantes petistas de diferentes regiões do Brasil, Entre elas o Movimento Comunista Revolucionário (MCR)⁵⁵. Entra no PSOL em 2005, inicialmente com o estatuto da “filiação democrática” pelas mãos de Ivan Valente sua principal liderança, acompanhado de Maninha (DF). Como política sindical, a APS defende a participação na CUT, tendo disputado o último Concut, e, como política estudantil, a participação na UNE, tentando conformar uma frente de esquerda em ambas as entidades. O manifesto de fundação da tendência afirma que “*um outro Brasil e um outro mundo são possíveis como fruto da disputa democrática, da auto-organização dos explorados e exploradas e a necessária construção da revolução social, em termos nacionais e internacionais*”. O senador Randolfe Rodrigues pertence à corrente APS (em 2015) onde lidera juntamente com Ivan Valente. Internamente, o Bloco de Esquerda se opõe a APS integrante do bloco majoritário a Unidade Socialista (US). Mais recentemente a APS se cindiu. *Após diversas polêmicas envolvendo as campanhas da Ação Popular Socialista na cidade Belém e Macapá, além de divergências quanto ao caráter e papel de uma corrente comunista no atual estágio da luta de classes, o projeto político da APS passou a ser contestado dentro e fora da corrente, chegando ao ponto da corrente ser dividida em três: APS-Nova Era, APS-Corrente Comunista e o Coletivo Rosa Zumbi. [Como se vê] duas delas ainda se reivindicam com o nome APS. (...) [sendo que a Corrente Comunista é] defensora das campanhas em Belém e Macapá, liderada pelo deputado federal Ivan Valente e pelo Deputado Edmilson Rodrigues, além do senador Randolfe Rodrigues, e a outra (Nova Era), bem menor e com pouco presença institucional, crítica a essas campanhas. A outra tendência*

⁵⁴ A origem da APS está nas organizações de esquerda dos anos 60: Organização Revolucionária Marxista-Política Operária (ORM-Polop), a Ação Popular (AP) e o PCB. A Polop, fundada em 1961, resultou da fusão, entre outros segmentos, de marxistas independentes e setores radicais da juventude trabalhista. A AP, por sua vez, surge como organização independente em 1962 com o desligamento da Ação Católica, um braço da Igreja atuante nos movimentos sociais fundado nos anos 1950. Por último, o PCB, surgido em 1922 e resultante da fusão de setores comunistas e anarquistas, sofreu ao longo dos anos 1960 uma série de divisões, dentre as quais a do PCdoB, em 1962. Do PCdoB, em 1966, surge o Partido Comunista do Brasil –Ala Vermelha, terceira das organizações cuja fusão constitui as bases da APS.

⁵⁵ O MCR foi fundado num Congresso realizado em 1985, e sua formação veio de um esforço de aglutinação, de diferentes organizações, coordenado por uma Comissão Política de Unificação. Fez parte o Partido Comunista do Brasil –Ala Vermelha, dissidência do PCdoB de 1966; a Organização Comunista Democrática Proletária de 1982 reunindo remanescentes da Ação Popular Marxista Leninista; e o Movimento pela Emancipação do Proletariado (MEP) de 1976 a partir da Fração Bolchevique da Organização de Combate Marxista Leninista-Política Operária de 1970.

De Moreno ao PSOL

formada é o coletivo Rosa Zumbi, que internamente no partido está alinhada com o deputado Chico Alencar, outrora próximo da APS com maior inserção institucional. No movimento estudantil a APS-CC está organizada na JSOL e a APS-NE no Pajeú.

Coletivo Rosa Zumbi

Como vimos acima era integrada à APS e atualmente se organiza como corrente do PSOL com referência teórica em Rosa Luxemburgo. Na nota de sua fundação colocam que: *“O Coletivo Rosa Zumbi surge a partir da cisão da APS”. Consideramos que a APS já não existe mais e que as duas correntes surgidas da sua cisão cometem um erro ao reivindicarem este mesmo nome. Elas e também nós somos herdeiros do legado político da APS e, antes dela, da Força Socialista e do Movimento Comunista Revolucionário [MCR]. Contudo, as diferenças percebidas na avaliação e no funcionamento da antiga corrente nos dividiram antes que fosse possível uma nova síntese política. De nossa parte, optamos por constituir um coletivo para fazer frente às tarefas que nos propomos, agregando outros militantes que não fizeram parte da APS. Defendemos a construção do PSOL como tarefa fundamental. O PSOL tem potencial para ser o mais importante instrumento da reorganização da esquerda socialista no Brasil, ao se consolidar como um partido socialista, democrático e de massas, formador e educador dos lutadores e lutadoras sociais, referência e organizador do movimento social e que também dispute a institucionalidade. (...).* Dentre suas lideranças está Maíra Kubík Mano. Têm referências de luta no MTST, em Chico Alencar, no Círculo Palmarino (Gilberto Campos Setorial de Negros e Negras do PSOL) e na Intersindical. No IV Congresso do PSOL assinaram a tese *Para o PSOL Continuar Necessário*, encabeçada por Chico Alencar e Marcelo Freixo.

Trabalhadores na Luta Socialista (TLS)

A TLS assim se apresentava em 2012: *“A corrente político-sindical Trabalhadores na Luta Socialista (TLS) tem atuação no PSOL e alguns sindicatos, sendo seus militantes em sua maioria ligados a educação, principalmente professores e professoras militantes da APEOESP. Estamos organizados em várias cidades do Estado de São Paulo e outras tantas abrindo contato. Acreditamos que é possível construirmos um mundo sem opressores e sem oprimidos, sem exploradores e nem explorados. Que é possível conquistarmos e libertação da classe trabalhadora do jugo da burguesia. E que essa emancipação será obra da classe trabalhadora – não aguardamos por um “salvador da pátria”. Afirmamos que o capitalismo condenará a humanidade aos caos e a barbárie. Não é possível proteger os seres humanos e a natureza da fome voraz do capital por lucro. É da natureza do capitalismo a destruição dos ecossistemas. Entendemos que o fim das opressões não se dará por benevolência e nem será automaticamente resolvida com a Revolução Socialista. Portanto, apoiamos toda luta contra o machismo, o racismo, a homofobia e a xenofobia. Em defesa da:*

De Moreno ao PSOL

IGUALDADE JUSTIÇA SOLIDARIEDADE ATÉ A VITÓRIA”. Em 2013 a TLS participou da fundação da Intersindical. Sua liderança principal é o prof. Aldo Santos.

Somos PSOL

Corrente organizada principalmente na Bahia, no campo da US. Defende uma visão “de que estamos vivendo um momento histórico de transição do capitalismo da Era Industrial, a Era da Informação, que estaria em pleno desenvolvimento, a internet e sua arquitetura interna (...), seria uma nova geografia, digitalizada, que permitiria aos seres humanos uma experiência sensorial intersubjetiva única e revolucionária na história da humanidade” No IV Congresso do PSOL de 2013, participaram com a tese "Unidade Socialista Por Um PSOL Popular", assinada também por outras correntes. Nesse congresso estavam alinhados com as correntes Insurgência e Rosa Zumbi, em oposição à APS-Nova Era. Dentre seus principais quadros está Ronaldo Santos (BA).

Coletivo PSOL do Povo

O Coletivo PSOL do Povo se organiza como corrente do partido, integrada à US, tendo como liderança a Dep. Est. Janira Rocha (RJ). Sua origem está no MTL. Janira é uma militante ativa e controversa tendo apoiado candidatos que não coadunavam com o partido e pertencentes ao ramo evangélico homofóbico.

Campinas, SP. 2015.

Revisão e ampliação: Gramado, RS. 2016-2017